



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

**OS GÊNEROS NOTÍCIA E REPORTAGEM NO LIVRO DIDÁTICO DE
PORTUGUÊS: POR UMA PERSPECTIVA DIALÓGICA**

ELISÂNGELA ALVES DE LUCENA

CAMPINA GRANDE – PB

2015

ELISÂNGELA ALVES DE LUCENA

**OS GÊNEROS NOTÍCIA E REPORTAGEM NO LIVRO DIDÁTICO DE
PORTUGUÊS: POR UMA PERSPECTIVA DIALÓGICA**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Letras – Língua Portuguesa – da Universidade Federal de Campina Grande, como pré-requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Ms. Manassés Morais Xavier

CAMPINA GRANDE – PB

2015

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

L935g

Lucena, Elisângela Alves de.

Os gêneros notícia e reportagem no livro didático de português : por uma perspectiva dialógica / Elisângela Alves de Lucena. – Campina Grande, 2015.

77 f.: il. color.

Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2015.

"Orientação: Prof. Ms. Manassés Moraes Xavier".
Referências.

1. Dialogismo. 2. Livro Didático de Português. 3. Gêneros Discursivos. 4. Notícia. 5. Reportagem. I. Xavier, Manassés Moraes. II. Título.

CDU 81'33(043)

**OS GÊNEROS NOTÍCIA E REPORTAGEM NO LIVRO DIDÁTICO DE
PORTUGUÊS: POR UMA PERSPECTIVA DIALÓGICA**

ELISÂNGELA ALVES DE LUCENA

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de
Letras – Língua Portuguesa – da Universidade
Federal de Campina Grande, como pré-requisito
para obtenção do título de Licenciatura em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Manassés Morais Xavier NOTA: 9,5
Prof. Ms. Manassés Morais Xavier (UAL/UFCG)
Orientador

Luciene Maria Patriota NOTA: 9,5
Prof. Dra. Luciene Maria Patriota (UAL/UFCG)
Examinadora

Cléa Gurjão Carneiro NOTA: 9,5
Prof.^a Ms. Cléa Gurjão Carneiro (DLA/UEPB)
Examinadora

Monografia aprovada em: 10 de março de 2015

Média: 9,5

Ao meu esposo Vanderson e a minha amada filha Nayara, pelo incentivo e amor incondicional. Mas, em especial, ao meu herói, meu pai Manoel, pela motivação diária, pelo apoio na realização desse sonho que é meu e dele. Ao senhor Painho, para te ver feliz e orgulhoso de sua filha que tanto te ama.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pelo dom da vida e por permitir que tudo isso acontecesse. Toda minha vida em agradecimentos ao Senhor não será suficiente.

Aos meus pais Luzinete e Manoel, exemplos de caráter, pelo apoio e amor incondicionais na realização dos meus sonhos.

Ao meu amado esposo Vanderson e a minha amada filha, Nayara, razões do meu viver, pelo incentivo, amor, apoio e compreensão pela ausência, devido à dedicação ao estudo.

Aos meus irmãos Erenildo, Alexandre, Eduardo, Rosinaldo, Wellington e Ângela, por sempre estarem do meu lado, torcendo pelo meu sucesso.

Ao meu orientador Manassés, pelo empenho e a dedicação na realização desse trabalho, e também pela amizade, apoio e confiança.

Meus sinceros agradecimentos a minha amiga inseparável Jéssica (minha *bestfriend*), pela companhia nos trabalhos, pela amizade irmã que construímos ao longo do curso, fez parte da minha vida universitária e com certeza permanecerá em minha vida. E também, a todos os demais colegas de curso pela companhia amiga.

Eternos agradecimentos a minha professora dos anos iniciais Tia Carminha, por me ensinar tudo que hoje sei além de mostrar os caminhos certos a seguir; e ao meu professor de português do ensino médio, Alexsandro, no qual me inspirei para cursar Letras: seguirei seu exemplo.

Aos professores da UFCG, pelo conhecimento, dedicação e amizade durante o curso, em especial nomeio Viviane, Angélica, Auxiliadora, Aloísio, José Mário, o meu professor e orientador Manassés. E também, aos funcionários da coordenação: Marciano e Valdemar pela disponibilidade em ajudar.

Agradeço especialmente ao professor Washington pela amizade construída durante o curso, e pelas contribuições na disciplina do projeto de pesquisa: suas críticas construtivas me encaminharam para a conclusão de uma ótima pesquisa. No início da disciplina quis desistir, mas você me mostrou que eu era capaz, obrigado!

A todos os colegas de percurso, em especial Renally, Camila e Mônica, pelas conversas agradáveis no ônibus que me ajudavam a suportar o incômodo das viagens.

À banca examinadora, nas pessoas das professoras Luciene Patriota e Cléa Gurjão, pela disponibilidade e contribuições para com este trabalho.

A todos que de forma direta ou indiretamente, contribuíram na minha formação, meu MUITO OBRIGADA!

Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível.

(BAKHTIN, 2010, p. 302)

RESUMO

O livro didático é um instrumento pedagógico amplamente utilizado nas práticas docentes. Espera-se que o mesmo auxilie no desenvolvimento de habilidades e competências do aluno, além de proporcionar novas capacidades de aprendizagem. É nesse contexto que destacamos o ensino de Língua Portuguesa através da teoria discursiva de gêneros proposta por Bakhtin, que tem como característica focar a relação dos gêneros com a natureza social e dialógica da linguagem. Para tanto, embasamos nossa pesquisa na Análise Dialógica do Discurso (ADD), na Historicidade do Livro Didático e na Teoria do Jornalismo, na intenção de refletirmos sobre a abordagem dos gêneros jornalísticos notícia e reportagem em livros didáticos, absorvendo contribuições teóricas de estudiosos como Bakhtin (2003), Bakhtin e Volochínov (2010; 2009), Rojo (2013), Batista (2003), Patriota (2011), Xavier (2010), Pena (2008), dentre outros. Nesse sentido, as principais questões que norteiam os estudos dessa pesquisa documental são as seguintes: 1) Como os gêneros jornalísticos notícia e reportagem estão sendo abordados nos livros didáticos de português (LDP)?; e 2) Essa abordagem contribui para o processo de ensino-aprendizagem? A essas questões atrela-se um objetivo geral: descrever a abordagem dos gêneros jornalísticos notícia e reportagem no LDP. E outros específicos, a saber: analisar a abordagem do gênero em função do seu conceito e em função das atividades de escrita e refletir sobre a implicação da abordagem dos gêneros notícia e reportagem no LDP como fator do desenvolvimento crítico do sujeito frente ao ambiente escolar e social. Do ponto de vista metodológico, analisamos o LDP “Português: Contexto, Interlocução e Sentido”, das autoras Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara, livro referente ao 1º ano do Ensino Médio, o qual aborda, em alguns capítulos, os gêneros jornalísticos em questão e que foi aprovado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para ser utilizado na sala de aula no ano letivo de 2013. Do ponto de vista dos resultados, verificamos que LDP em estudo é relativamente satisfatório, pois as autoras tiveram a intenção de abordar uma prática de ensino pautada na perspectiva dialógica da linguagem e contemplaram o estudo das dimensões do gênero: *tema*, *composição* e *estilo* dentro dos capítulos sobre notícia e reportagem, o que proporcionou ao aluno ser crítico diante do texto. No entanto, ainda identificamos atividades que não fazem os alunos refletirem sobre a vida verbal dos gêneros funcionando como prática efetivamente social, adotando exercícios de localização de nomenclaturas gramaticais, bem como, especificamente no gênero notícia, verificamos o equívoco de apresentar uma reportagem como notícia.

Palavras-chave: Dialogismo. Livro Didático de Português. Gêneros Discursivos. Notícia. Reportagem.

ABSTRACT

The textbook is a pedagogical tool widely used in teaching practices. It is expected that it helps in the development of skills and abilities of the student, in addition to providing new learning capabilities. In this context, we emphasize the teaching of Portuguese language through the discourse theory of genres proposed by Bakhtin, whose characteristic focus on the relationship of gender to social and dialogical nature of language. Therefore, embasamos our research on Dialogic Discourse Analysis (DDA) in an attempt to reflect on the approach of journalistic genres and news reporting in textbooks, absorbing theoretical contributions of scholars such as Bakhtin (2003), Bakhtin and Volochínov (2010; 2009) , Rojo (2013), Batista (2003), Xavier (2010), Pena (2008), Patriota (2011), Sobral (2009), Fiorin (2008), among others. In this sense, the main questions that guide the studies of this documentary research are: 1) How the journalistic genres and news reporting are being addressed in textbooks Portuguese (LDP)? and 2) This approach contributes to the teaching-learning process? To these questions leash is a general objective: to describe the approach of genres and journalistic news report in the LDP. And some more, namely: to analyze the role of gender approach of its concept and function of writing activities and reflect on the implications of the approach of genres and news report in the LDP as the critical development factor of the subject across the school environment and social. From a methodological point of view, we analyze the LDP “Portuguese: Context, Interlocution and Sense”, the authors Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadette M. Abaurre and Marcela Pontara book for the 1st year of high school, which addresses, in some chapters, the journalistic genres in question and approved by the National Textbook Program (PNLD) for use in the classroom in the school year of 2013. From the point of view of results, we found that LDP under study is relatively satisfactory, because the authors have intended to address a teaching practice based on the dialogical perspective of language and contemplated the study of the gender dimensions: *theme*, *composition* and *style* within the chapters on news and reportage, which provided the student be critical before the text. However, we still identify activities that do students think about the lives of verbal genres effectively functioning as social practice, adopting grammatical classifications location exercises, as well as specifically in the genre news, check the mistake of presenting a report as news.

Keywords: Dialogism. Textbook of Portuguese. Discourse Genres. News. Report.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 – Exposição das etapas de análise.....	17
QUADRO 02 – Comparativo da definição/construção textual dos gêneros notícia e reportagem	39

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – Notícia (texto)	42
FIGURA 02 – Continuação da notícia	43
FIGURA 03 – Atividade notícia	44
FIGURA 04 – Atividade notícia	45
FIGURA 05 – Notícia: definição e usos	46
FIGURA 06 – Contexto de circulação	48
FIGURA 07 – Os leitores	49
FIGURA 08 – Estrutura da notícia	50
FIGURA 09 – Linguagem da notícia	51
FIGURA 10 – Reportagem (texto)	54
FIGURA 11 – Continuação da reportagem	55
FIGURA 12 – Continuação da reportagem	56
FIGURA 13 – Atividade e definição de reportagem	59
FIGURA 14 – Diferença entre notícia e reportagem	60
FIGURA 15 – Contexto e interlocutores	61
FIGURA 16 – Estrutura da reportagem	62
FIGURA 17 – Iconografia	63
FIGURA 18 – Linguagem da reportagem	64
FIGURA 19 – Continuação da linguagem	65
FIGURA 20 – Produção da notícia	68
FIGURA 21 – Continuação da produção	69
FIGURA 22 – Produção da reportagem	70

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I – ASPECTOS METODOLÓGICOS	15
CAPÍTULO II – A DIALOGICIDADE DO DISCURSO	18
2. O PRINCÍPIO DIALÓGICO DA LINGUAGEM EM FOCO.....	18
2.1 Os gêneros discursivos	23
CAPÍTULO III – O LIVRO DIDÁTICO NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA.....	26
3. O LIVRO DIDÁTICO NO BRASIL: FUNÇÃO PEDAGÓGICA E SOCIAL.....	26
3.1 O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)	30
CAPÍTULO IV – A TEORIA JORNALÍSTICA	34
4. O ESTUDO DOS GÊNEROS JORNALÍSTICOS NO LIVRO DIDÁTICO.....	34
4.1 O gênero notícia	36
4.2 O gênero reportagem	37
CAPÍTULO V – NOTÍCIA E REPORTAGEM NO LDP.....	41
5.1 A notícia no LDP em função do conceito de gênero.....	41
5.2 A reportagem no LDP em função do conceito de gênero	53
5.3 A notícia e a reportagem no LDP em função da escrita	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	76

INTRODUÇÃO

O livro didático é um recurso pedagógico amplamente utilizado nas práticas docentes. Ele é um instrumento que os educadores usam no processo de ensino-aprendizagem, tornando-se, assim, um objeto cultural que tem grande importância e penetração na sociedade, principalmente em países como o Brasil, pois diariamente vemos ou ouvimos na mídia que o Brasil tem um dos piores índices de desenvolvimento no setor da educação. Espera-se que o livro didático auxilie no desenvolvimento de habilidades e competências do aluno, além de proporcionar novas capacidades de aprendizagem. Sua importância é significativa dentro do processo de ensino-aprendizagem, uma vez que o mesmo é responsável por proporcionar o diálogo entre as teorias e as práticas pedagógicas.

Diante disso, podemos citar entre as atividades do Ministério da Educação, no que diz respeito ao livro didático no Brasil, o Programa Nacional do Livro Didático (doravante, PNLD). Este programa é quem valida o livro adequado para ser utilizado em sala de aula. Ele, juntamente com o Ministério da Educação e Cultura (MEC) e o Governo Federal, disponibiliza os livros didáticos. O PNLD foi criado pelo MEC em 1985 e sua atuação foi ampliada por meio da criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), com o objetivo de aprimorar as condições de ensino, para oferecer educação de qualidade. As análises são feitas por especialistas nos livros mais solicitados, com o objetivo de identificar a eficiência e/ou a ineficiência dos livros didáticos.

Partindo dessas considerações, notamos que há a necessidade de se fazer uma análise a respeito desse recurso de ensino-aprendizagem, que é o livro didático, visando demonstrar como ele aborda os conteúdos necessários à formação do educando, visto que é um material aprovado pelo PNLD.

Com o advento dos PCN, o ensino de língua portuguesa passou a ser realizado levando em consideração os estudos dos gêneros discursivos. Tal consideração repercutiu na elaboração dos livros didáticos: a importância de se pensar o ensino na perspectiva de gêneros, ou seja, inserir no livro e na prática de ensino-aprendizagem o ensino de língua portuguesa a partir das formas relativamente estáveis de comunicação social (BAKHTIN, 2003).

A perspectiva de ensinar língua portuguesa a partir da introdução dos gêneros (orais e escritos) recebeu contribuições dos estudos de Bakhtin, uma proposta que prega que todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os

determinam, sendo assim, quanto maior for a apropriação do aluno diante dos gêneros em circulação social, maior será seu domínio perante o uso da língua.

Nesse sentido, as principais questões que norteiam os estudos dessa pesquisa documental são as seguintes: 1) Como os gêneros jornalísticos notícia e reportagem estão sendo abordados nos livros didáticos de português (doravante, LDP)?; e 2) Essa abordagem contribui para o processo de ensino-aprendizagem?

A essas questões atrela-se um objetivo geral:

- Descrever a abordagem dos gêneros jornalísticos notícia e reportagem no LDP.

E outros específicos, a saber:

- Analisar a abordagem do gênero em função do seu conceito e em função das atividades de escrita; e
- Refletir sobre a implicação da abordagem dos gêneros notícia e reportagem no LDP como fator do desenvolvimento crítico do sujeito frente ao ambiente escolar e social.

Consideramos importante realizar uma pesquisa acadêmica sobre o LDP, na intenção de realizar um estudo mais detalhado da abordagem dos gêneros notícia e reportagem e sua relação com o ensino. Além do mais, queremos refletir sobre a dialogicidade de ambos os gêneros, uma vez que, segundo a teoria de Bakhtin, o diálogo é constituído pela enunciação, a qual é a unidade real de comunicação: esta constitui a comunicação verbal que pode ser de qualquer tipo. Logo, onde houver enunciação, há dialogismo e há também comunicação discursiva. Nesses termos, a notícia e a reportagem, que são gêneros da esfera jornalística, se constituem através das atividades humanas, têm a função de informar e fazem isso através da linguagem. São gêneros enunciativos, portanto dialógicos.

Nossa pesquisa se situa como possibilidade acadêmica de considerar como estão sendo apresentados os gêneros jornalísticos, sobretudo, o gênero notícia e reportagem, no LDP. Para tanto, se fundamenta na Análise Dialógica do Discurso de Bakhtin e do Círculo¹, tomando como referência a concepção de língua como interativa e dialógica por natureza.

Buscaremos respaldo teórico em autores que trilham seus estudos na mesma linha de estudo adotada por nós, como Bakhtin (2003), Bakhtin e Volochínov (2010; 2009), Rojo (2013), Batista (2003), Xavier (2010), Pena (2008), Patriota (2011), Sobral (2009), Fiorin (2008), dentre outros.

¹ O pensamento bakhtiniano não é constituído apenas pelos escritos do filósofo da linguagem Mikhail Mikhalovich **Bakhtin**, mas também pela produção de intelectuais de diferentes áreas que com ele participaram, na Rússia compreendido entre os anos 1920 e 1970, de vários e produtivos Círculos de discussão e construção de uma postura singular em relação à linguagem e seus estudos. Dentre esses intelectuais citamos Valentin Nikolaevich **Volochínov** e Pavel Nikolaievitch **Medvedev**.

A presente monografia está dividida em uma introdução, quatro capítulos seguidos das considerações finais e as referências. No capítulo I abordamos as questões relacionadas ao campo metodológico adotado neste trabalho. Os capítulos II e III têm, respectivamente, uma discussão teórica sobre a Análise Dialógica do Discurso e sobre a História do Livro Didático no contexto do ensino brasileiro. No capítulo IV abordamos a Teoria Jornalística. Já o capítulo V contempla a análise por nós empreendida a respeito da abordagem dos gêneros notícia e reportagem no LDP selecionado como *corpus* da pesquisa. Por fim, seguem as considerações finais com o arremate das discussões e as referências.

A seguir, apresentamos os aspectos metodológicos que nos conduziram nesta investigação científica.

CAPÍTULO I

ASPECTOS METODOLÓGICOS

A natureza tipológica da nossa pesquisa é documental, com a qual objetivamos descrever e analisar como os gêneros jornalísticos, em especial a notícia e a reportagem, estão sendo abordados no LDP. Podemos confirmar o conceito desse tipo de pesquisa em Gonsalves (2001), o qual afirma que esta pesquisa compreende descrever e analisar as características de um documento de ordem científica ou não, tornando-o em objeto de estudo.

Como estamos tratando da pesquisa documental, recorreremos às contribuições de Prodanov e Freitas (2013) para entender, primeiramente, o que, de fato, é um documento e, posteriormente, nos deter nos conceitos sobre a pesquisa documental. Vejamos:

entendemos por documento qualquer registro que possa ser usado como fonte de informação, por meio de investigação, que engloba: observação (crítica dos dados na obra); leitura (crítica da garantia, da interpretação e do valor interno da obra); reflexão (crítica do processo e do conteúdo da obra); crítica (juízo fundamentado sobre o valor do material utilizável para o trabalho científico). (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 56)

Os autores acima citam Gil (2008) que, por sua vez, explica que a pesquisa documental se baseia em materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa.

A utilização da pesquisa documental, segundo Prodanov e Freitas (2013), é realizada no momento em que podemos organizar informações que se encontram dispersas, conferindo-lhe uma nova importância como fonte de consulta.

Tendo em vista que o LDP é um instrumento de ensino-aprendizagem, muito utilizado na sala de aula tanto pelos professores, quanto pelos alunos, o escolhemos como objeto de estudo para nossa pesquisa. Realizamos uma pesquisa exploratória em diversas coleções de LDP atuais, aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) que abordam o ensino através dos gêneros e que estão sendo utilizados nas escolas, podendo assim, classificar nossa pesquisa em documental, pois, segundo Medeiros (2008), “compreende o levantamento de documento para estudo”, no nosso caso escolhemos o LDP “Português Contexto, Interlocução Sentido”, das autoras Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara, livro referente ao 1º ano do Ensino Médio.

A escolha deste LDP se deu pelo fato de ser um livro aprovado pelo PNLD para ser utilizado nas escolas no ano letivo de 2013. Esse LDP do 1º ano do Ensino Médio é a 2ª

edição dessa coleção da Editora Moderna. Nas primeiras páginas há referências dos autores e a apresentação do LDP. O livro é dividido em três seções: sendo a primeira de Literatura com 3 unidades e 11 capítulos, a segunda de Gramática com 3 unidades e 10 capítulos e a terceira de Produção de Texto com 4 unidades e 9 capítulos.

Cada unidade do livro apresenta uma introdução do que vai ser trabalhado e em cada capítulo estão expressos os objetivos para se trabalhar os conteúdos. As últimas folhas do livro, denominadas “Guia de recursos”, apresentam uma fundamentação teórico-metodológica de acordo com os conteúdos abordados nas 3 seções; apresenta a indicação de leituras complementares referentes a cada seção, as respostas e as bibliografias das atividades de cada capítulo do livro; além de apresentar para o professor propostas pedagógicas e reflexões sobre a prática docente. Enfim, faz toda uma apresentação teórica dos conteúdos trabalhados no livro, como também uma reflexão sobre a prática de ensino-aprendizagem de língua, para que o professor reflita sobre sua prática e saiba utilizar o LDP na sala de aula da melhor forma possível.

Considerando toda a descrição do LDP, a escolha se deu, também e principalmente, pelo fato de abordar os gêneros notícia e reportagem, uma vez que objetivamos analisar a presença dos gêneros jornalísticos em livros didáticos no tocante ao ensino da língua, pois se trata de uma esfera de comunicação com grande circulação no meio social, a qual aborda conteúdos da realidade do aluno: defendemos, nesse sentido, que a inserção de tais conteúdos em contexto didático se faz importante para que o aluno possa se tornar um leitor proficiente, que consiga ler e escrever, compreender, refletir, poder expressar uma opinião crítica diante de uma situação e não apenas decodificar.

Metodologicamente falando, nossa pesquisa divide-se em três etapas:

- Primeiro observamos no LDP a seção 3 de Produção de Texto e mais especificamente a unidade 8 – narração e descrição – e a unidade 9 – exposição e injunção –, nas quais são introduzidas pela unidade 7 “Os gêneros do discurso”. Damos ênfase nos capítulos 26 e 27, das páginas 338 a 357, pois são onde se encontram a abordagem dos gêneros notícia e reportagem e as atividades relacionadas à produção escrita. A partir dessa observação fizemos nossa reflexão sobre a abordagem dos gêneros e suas atividades, identificando e avaliando as dimensões teóricas e analíticas dos gêneros contemplados no LDP.

Após essa etapa de observação, identificação, reflexão e avaliação da abordagem dos gêneros, analisamos a adequação/inadequação da abordagem da notícia e da reportagem no LDP, em relação às proposições da Teoria dos Gêneros Jornalísticos e da Análise Dialógica

do Discurso. Por fim, avaliamos a implicação de todos esses aspectos para o ensino dos gêneros, e se a abordagem e as atividades apresentadas, sobretudo de escrita, promovem a compreensão do gênero como prática social e da linguagem como prática dialógica.

Para uma melhor compreensão das etapas de análise da nossa pesquisa, expomos o quadro a seguir:

GÊNEROS	CARACTERÍSTICAS DOS GÊNEROS	CARACTERÍSTICAS DO ENSINO DOS GÊNEROS
Notícia	Leitura e Análise: conceitos apresentados	Produção Textual
Reportagem	Leitura e Análise: conceitos apresentados	Produção Textual

QUADRO 01 – Exposição das etapas de análise

Na sequência do texto monográfico apresentamos o capítulo teórico que tematiza uma discussão sobre alguns conceitos mobilizados pela Análise Dialógica do Discurso, em seguida uma abordagem Histórica do Livro Didático, e a Teoria do Jornalismo.

CAPÍTULO II

A DIALOGICIDADE DO DISCURSO

2. O PRINCÍPIO DIALÓGICO DA LINGUAGEM EM FOCO

A Análise Dialógica do Discurso (doravante, ADD) aborda a perspectiva dialógica da linguagem, ou seja, o conceito da língua está no centro das reflexões do Círculo de Bakhtin, composto principalmente pelos intelectuais russos Volochínov, Medvedev e Bakhtin, conforme explicado na nota de rodapé contida na página 12 deste trabalho monográfico. Eles defendem que para a palavra não há limites, ela está sempre se renovando em relação ao tempo.

A linguagem é resultado da necessidade de comunicação humana, do uso da língua que se emprega por meio da relação do falante com todas as atividades de comunicação; e essa utilização acontece através da organização das estruturas da língua. Essas estruturas são os enunciados que, segundo Bakhtin/Volochínov (2010), é uma unidade concreta e real de comunicação discursiva e reflete as condições de uso da linguagem do sujeito, em cada esfera de comunicação, a partir do conteúdo temático, da construção composicional e do estilo verbal. A linguagem funciona de diferentes formas para diferentes grupos sociais. Isso só é possível quando diferentes materiais ideológicos se configuram discursivamente, em uma determinada situação social.

Segundo Bakhtin/Volochínov (2010), o enunciado, a unidade real do discurso pode ser falado ou escrito, pressupõe um ato de comunicação social. E nesse processo enunciativo há uma interação entre os sujeitos falantes. Ao ouvir e compreender um enunciado, o interlocutor assume uma postura responsiva e não passiva, ou seja, posiciona-se diante do enunciado, seja concordando, discordando, complementando, enfim, posiciona-se no ato enunciativo.

Essas relações dialógicas que são empregadas na comunicação entre sujeitos no uso da linguagem, ou seja, por meio de perguntas e respostas, podem ser caracterizadas pelo dialogismo, o qual se refere não só aos diálogos particulares, mas também ao discurso da sociedade como todo. Está ligado com as relações entre o eu e o outro, o que nos leva a vinculá-lo à interação, pois, conforme os estudos bakhtinianos demonstram, a linguagem se dá a partir da interação.

O diálogo que acontece entre os sujeitos demonstra o processo da interação discursiva, ou seja, a partir do dialogismo é que as palavras se repetem e se renovam todos os dias.

Bakhtin considera o dialogismo o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso. Insiste no fato de que o discurso não é

individual, nas duas acepções de dialogismo: não é individual porque se constrói entre pelo menos dois interlocutores, que, por sua vez, são seres sociais; não é individual porque se constrói como um “diálogo entre discursos”, ou seja, porque mantém relações com outros discursos. Conciliam-se, assim, nos escritos de Bakhtin, as abordagens do texto ditas “externas” e “internas” e recupera-se, no texto, seu estatuto pleno de objeto linguístico-discursivo, social e histórico. (BRAIT, 2008, p. 32)

Segundo Silva (2014), o dialogismo postulado por Bakhtin permeia duas vertentes, uma do diálogo entre interlocutores e outra do diálogo entre discursos. Acerca do dialogismo entre interlocutores, mencionamos quatro aspectos: a) a interação entre interlocutores é o princípio fundador da linguagem, que recai no entendimento de que não apenas ela é fundamental para a comunicação, mas que a interação dos interlocutores funda, propriamente, a linguagem; b) o sentido do texto e a significação das palavras dependem da relação entre sujeitos, sendo a construção destes sentidos e significações dados na produção e interpretação de textos; c) a intersubjetividade é anterior à subjetividade, já que a relação entre os interlocutores irá fundar não apenas a linguagem e dar sentido ao texto, mas também construirá os sujeitos produtores de texto; e d) apontamento de dois tipos de sociabilidade: a relação entre sujeitos (entre os interlocutores que interagem) e a dos sujeitos com a sociedade.

Segundo Fiorin (2008), existem três conceitos para dialogismo, conceitos esses que o autor consegue compreender dentro da teoria bakhtiniana. O primeiro conceito seria o fato de que todo enunciado é dialógico. “Portanto, o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado” (FIORIN 2008, p. 24). Compreendemos que todos os enunciados constituem-se a partir de outros. O dialogismo é constitutivo nas relações entre os enunciados já constituídos e os anteriores.

O segundo conceito de dialogismo para Fiorin (2008) se dá a partir da convicção de que o dialogismo é constitutivo. “Trata-se da incorporação pelo enunciador da voz ou das vozes de outro(s) no enunciado” (FIORIN, 2008, p. 32). Nesse caso, apresenta-se como composicional, ou seja, as maneiras nas quais se mostram outras vozes no discurso, além da do enunciador.

O terceiro conceito de dialogismo para Fiorin (2008) nasce da subjetividade. “O princípio geral do agir é que o sujeito age em relação aos outros; o indivíduo constitui-se em relação ao outro. Isso significa que o dialogismo é o princípio de constituição do indivíduo e o seu princípio de ação” (FIORIN, 2008, p. 55). Isso quer dizer que o sujeito está sempre em relação com o outro. Logo, a consciência constrói-se na comunicação social que há entre os sujeitos.

Existe uma noção de recepção/compreensão ativa entre os sujeitos falantes, proposta por Bakhtin (2003), a qual ilustra o movimento ideológico da enunciação que constitui o território comum do locutor e do interlocutor. Nesse sentido, percebemos a interação desses sujeitos em função da linguagem, constituindo, assim, o dialogismo que está ligado com qualquer tipo de enunciação, seja entre dois ou mais sujeitos, ou um diálogo interno, ou seja, com o próprio sujeito.

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra diálogo num sentido amplo, isto é, não apenas a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 127)

Então, percebemos, como já havia sido afirmado, que o diálogo, por sua vez, é constituído pela enunciação abrange a comunicação verbal e ele – o diálogo – pode ser de qualquer tipo: onde houver enunciação, há diálogo e há também comunicação discursiva. É dessa forma que se configura o dialogismo, uma relação necessária de uma enunciação com outra(s) enunciação(ões).

Enquanto um todo, enunciação só se realiza no curso da comunicação verbal, pois o todo é determinado pelos limites, que se configuram pelos pontos de contato de uma determinada enunciação com o meio extra verbal e verbal (isto é, as outras enunciações). (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 129)

O ato da enunciação resulta de um tipo de “memória discursiva”, quer dizer, no interior do sujeito falante existem enunciados proferidos em outros momentos, com outras pessoas, ou até consigo mesmo, pois nosso subconsciente imagina sempre uma plateia, em outras situações interacionais, outras épocas, onde o locutor inconscientemente (ou conscientemente) toma todos esses aspectos por referência para realizar e formular seu novo discurso. Por isso, para Bakhtin/Volochínov (2009) não existe nada original, tudo é dialógico.

Assim, a enunciação se caracteriza pela alternância dos atos de fala em uma relação dialógica, tanto a produção quanto a compreensão de um enunciado se dão por meio do contexto de enunciados que os precederam, bem como no contexto dos enunciados que os seguem. Assim, o enunciado dialoga com o meio social no qual está inserido, concordando ou discordando com o que lhe rodeia.

Nesse contexto, de que nada é original, Bakhtin dá ênfase a essa realidade da linguagem, afirmando que nenhum discurso é “novo”, mas uma renovação do que já foi dito, uma vez que

nem os sentidos do passado, isto é, nascidos do diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro, do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo, existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. (BAKHTIN, 2003 *apud* SOBRAL, 2009, p. 31-32)

Consideramos que as concepções apresentadas correspondem ao enunciado como uma perspectiva da comunicação discursiva da linguagem, uma vez que aludem ao dialogismo, como também as variadas manifestações e formas de discurso, acarretando, assim que expressões linguísticas são conduzidas ao outro, e que, para se compreender um enunciado, se faz necessário localizar sua orientação social e o possível discurso do outrem já proferido. O diálogo existente entre o locutor e o receptor se dá por meio da interação.

A interação verbal cede espaço para a enunciação, isto é, é por meio da interação entre sujeitos falantes, ou até mesmo do sujeito consigo mesmo, que surge a enunciação. É através da interação social que as posições geram e até mesmo transformam sentidos historicamente situados.

Com efeito, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 116)

A linguagem é uma forma de interação social, ou seja, um modo de comunicação (oral e escrita) entre os seres humanos, que acontece em meio a uma situação social, ou seja, um momento de comunicação entre pessoas, numa situação em que exige ação imediata de uso da língua. A interação social é produto das relações sociais de comunicação dos seres humanos, que acontece em meio contexto cultural e social. Todo sujeito é ideológico por natureza, ou seja, têm suas próprias concepções de mundo; e o diálogo, a interação, com os demais sujeitos que o rodeia, acontecem por meio da comunicação, do uso da linguagem.

A interação verbal tem caráter dialógico, pois as relações dialógicas estabelecem sentidos. Os enunciados construídos a partir da interação verbal exprimem e realimentam a ideologia do cotidiano, que se expressa através de nossos atos, gestos ou palavras, refletindo na cristalização dos sistemas ideológicos. A filosofia bakhtiniana valoriza o processo de interação que acontece dentro de determinadas condições sociais, sob determinadas formas e tipos de comunicação verbal. Assim, a palavra assume um papel de suma importância dentro do processo interacionista, pois ao mesmo tempo em que parte de alguém é dirigida para alguém, funcionando como uma ponte entre locutor e interlocutor.

Os estudos bakhtinianos revelam que existem muitas formas de linguagem. Isso ocorre devido à diversidade da experiência social, isto é, à presença de elementos extralinguísticos ligados à produção verbal que imprimem à linguagem um caráter de produto não acabado, vivo, em constante mutação, de acordo com o contexto em que é utilizada. Nesses termos, surge a interação verbal que constitui essa realidade da língua: os sujeitos são diferentes entre si e, bem como as experiências, o uso da linguagem também é diferente! É a partir da interação entre essas diversidades que chega-se ao diálogo, a enunciação, ao discurso, afinal, todos estão dialogicamente relacionados.

Como afirma Sobral (2009), assim,

a interação nos termos bakhtinianos é condicionada pela situação pessoal, social e histórica dos participantes e pelas condições materiais e institucionais – imediatas e mediatas – em que ocorre o intercâmbio verbal. Todos esses elementos condicionam o discurso, tanto por meio da interdiscursividade, de que vai se falar mais tarde, como por meio da relação dialógica entre os sujeitos do discurso. (SOBRAL, 2009, p. 44)

Essa relação dialógica que há entre os sujeitos do discurso acontece devido as suas experiências sociais e, considerando que as experiências são diversas, a variedade de gêneros é infinita, ou seja, cada atividade social, interacional, pode ser representada por um gênero discursivo, uma vez que gêneros surgem a partir dos enunciados desses sujeitos discursivos, durante a comunicação por meio da linguagem. Portanto, os gêneros do discurso variam de acordo com as atividades humanas. Essa é uma das ideias centrais da teoria dos gêneros estudada por Bakhtin (2003).

2.1 Os gêneros discursivos

A teoria dos gêneros do discurso já é muito antiga e o primeiro autor que fez uso do conceito de gênero, em estudos linguísticos, foi o russo Bakhtin, objetivando com esse conceito dar conta das manifestações orais e escritas. Ele escreveu o livro “Estética da Criação Verbal” e, dentro desse livro, um texto intitulado de “Os Gêneros do Discurso”, apresentando uma definição para os gêneros discursivos, a saber:

todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. (...) Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2003, p. 279)

Os estudos bakhtinianos resumem o gênero como formas relativamente estáveis de relações dialógicas entre as atividades humanas. Os gêneros se concretizam em textos, por meio do discurso, e sua concretização se dá a partir da escolha do tema, da composição e do estilo, que são determinados pela comunicação discursiva. Então, os estudos bakhtinianos descrevem o gênero por meio das suas dimensões temáticas, composicionais e estilísticas/linguísticas.

O *tema* refere-se ao sentido gerado nas relações/interações dialógicas da linguagem humana, sentidos extraídos das relações sociais dos sujeitos. Quanto à *composição*, existem duas formas: a composicional, que diz respeito às formas da língua, elementos estruturais do texto, e a arquitetônica, que determina a forma da composição, a organização do conteúdo expresso pela língua. Já o *estilo* resulta das relações entre o autor e o seu grupo social, também refletindo a forma do conteúdo, a organização, não dando ênfase a norma, nem ao seu uso: o estilo linguístico é determinado a partir das interrelações do evento descrito e do seu agente – sujeito – e pode ser alterado de acordo com a orientação social do enunciado.

Tema é um termo de grande riqueza sugestiva que não se confunde com “assunto”: pode-se falar de um dado assunto e ter outro tema; a forma de composição (ou composicional), vinculada com a forma arquitetônica que é determinada pelo projeto enunciativo do locutor, não se confunde com um artefato, ou forma rígida, porque pode se alterar de acordo com as alterações dos projetos enunciativos; quanto ao estilo, trata-se do aspecto do gênero que indica fortemente sua mutabilidade: ele é um só tempo expressão da comunicação discursiva específica do gênero e expressão pessoal, mas não subjetiva, do autor ao criar uma nova obra no âmbito de um gênero. (SOBRAL, 2009, p. 118)

Considerando que as esferas das atividades humanas são bastante diversificadas, e que a partir delas se constitui os gêneros, pode-se concluir que a variedade de gêneros é enorme, pois as atividades são inesgotáveis. Nesse sentido, existe a heterogeneidade dos gêneros e, apesar de existir diversos gêneros, sempre há entre eles traços em comum.

Bakhtin (2003) salienta de um modo especial a heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), que incluem indiferentemente: a curta réplica do diálogo cotidiano, a carta, (...) as variadas formas de exposição científica e todos os modos literários etc..

Os estudos bakhtinianos demonstram que o estudo dos gêneros discursivos é importante para a filologia e para linguística. Porém, os gêneros literários e os retóricos foram bem mais estudados do que os gêneros do discurso. É por isso que, atualmente, ainda existem problemas com relação ao estudo do processo de formação histórica desses gêneros.

A heterogeneidade dos gêneros do discurso tornou difícil a tarefa de definir o caráter genérico do enunciado. E é diante dessa dificuldade que Bakhtin (2003) faz uma classificação dos gêneros bastante ampla, considerando a diferença essencial existente entre os gêneros do discurso primário (simples), constituídos por aqueles da vida cotidiana, que mantêm uma relação imediata com as situações nas quais são produzidos, e gêneros do discurso secundário (complexos), produzidos em situações de troca cultural “mais complexa e mais evoluída”, constituídos pelos gêneros, principalmente, da escrita, desenvolvidos nas áreas artística, científica e sociopolítica.

A filosofia bakhtiniana acredita que a língua penetra na vida através do enunciado e a partir deste chegamos ao discurso. Quando construímos nosso discurso sempre conservamos na mente o todo do nosso enunciado, tanto em forma de um esquema correspondente a um gênero definido como em forma de uma intenção discursiva individual. A fala só existe, na realidade, na forma concreta dos enunciados de um indivíduo: do sujeito de um discurso-fala. O discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma.

O gênero do discurso não é uma forma da língua, mas uma forma do enunciado que, como tal, recebe do gênero uma expressividade determinada, típica, própria do gênero dado. Os gêneros correspondem a circunstâncias e a temas típicos da comunicação verbal e, por conseguinte, a certos pontos de contato típicos entre as significações da palavra e a realidade concreta, isto é, o discurso. Nesses termos,

discurso é uma unidade de produção de sentido que é a parte das práticas simbólicas de sujeitos concretos, articulada dialogicamente às suas condições de produção, bem como vinculada constitutivamente com outros discursos. Mobilizando as formas da língua e as formas típicas de enunciados em suas condições sociohistóricas de produção, o discurso constitui seus sujeitos e inscreve em sua superfície sua própria existência e legitimidade social e histórica. (SOBRAL, 2009, p. 101)

Os gêneros discursivos surgem de acordo com as esferas das atividades humanas. Devido às atividades de comunicação serem bastante diversificadas, os gêneros, portanto são infinitos. Assim, o gênero está em constante mudança: dependendo da esfera que se situa, é alterado cada vez que é empregado no meio social. Muitas vezes, um determinado gênero transforma-se em outro, devido às diversas mudanças e adaptações discursivas para o uso da linguagem.

O gênero possui sua lógica orgânica, que em certo sentido pode ser entendida e criativamente dominada a partir de poucos protótipos ou até fragmentos de gênero. Mas a lógica do gênero não é uma lógica abstrata. Cada variedade nova, cada nova obra de um gênero sempre a generaliza de algum modo, contribui para o aperfeiçoamento da linguagem do gênero. (SOBRAL, 2009, p. 117)

Os gêneros estão ligados às situações sociais da interação: qualquer mudança nessa interação gerará mudanças no gênero. Os estudos bakhtinianos enfatizam a relativa estabilização dos gêneros e a sua ligação com a atividade humana. Em suma, os gêneros estão vinculados à situação social de interação. Por isso, como os enunciados individuais são constituídos de duas partes inextricáveis, a sua dimensão linguístico-textual e a sua dimensão social, cada gênero está vinculado a uma situação social de interação típica, dentro de uma esfera social que tem, por natureza, sua finalidade discursiva, sua própria concepção de locutor e de interlocutor. Então, qualquer alteração nesses papéis pode acarretar mudanças no gênero.

Considerando que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) estabeleceram que o ensino de Português fosse feito com base nos gêneros, apareceram muitos livros didáticos que veem o gênero como um conjunto de propriedades formais a que o texto deve obedecer. E assim, o ensino de gêneros está presente na educação. Principalmente no tocante ao ensino de Língua Portuguesa, faz-se necessário que os materiais e os profissionais implicados no processo de ensino-aprendizagem estejam atualizados e saibam trabalhar nessa área.

É nesse sentido que apresentamos, no próximo capítulo, a discussão que historia o livro didático no contexto da educação brasileira.

CAPÍTULO III

O LIVRO DIDÁTICO NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

3. O LIVRO DIDÁTICO NO BRASIL: FUNÇÃO PEDAGÓGICA E SOCIAL

É reconhecível que, através de dados históricos, o processo de ensino-aprendizagem acontecia por meio de materiais, mesmo na antiguidade se utilizavam madeiras para riscar as rochas, a Bíblia, folhetos. Enfim, se antes era assim, atualmente não teria como ser diferente. Nos tempos hodiernos, a tecnologia está muito avançada. Existem vários materiais que auxiliam o professor em sua prática docente, mas um deles, o mais tradicional, é o livro didático.

O livro didático é um instrumento pedagógico amplamente utilizado nas práticas docentes. Ele é um instrumento que os educadores usam no processo de ensino-aprendizagem, tornando-se, assim, um objeto cultural que tem grande importância e penetração na sociedade, principalmente em países como o Brasil, como já mencionado anteriormente na introdução.

Entretanto, temos que reconhecer que o sistema educacional do nosso país é falho, uma vez que uma grande parte dos profissionais que estão na sala de aula não tem formação adequada e não há fiscalização por parte dos responsáveis, o que devem manter um quadro de profissionais adequados para essa função. Sendo assim, o livro didático, provavelmente, deve apresentar também algumas falhas. Logicamente, há exemplares excelentes, os quais o professor pode utilizar sem muito receio. Todavia, o professor tem a responsabilidade de utilizar seu instrumento pedagógico de forma que obtenha sucesso no processo de ensino-aprendizagem, reconhecendo que o material que tem em mãos é de suma importância para sua prática, mas também para seus alunos que, na maioria das vezes, o tem como única fonte de conhecimento.

Dessa forma, além de função pedagógica, o livro didático também tem importância e função social na vida dos alunos, pois além da aquisição da linguagem, também possibilita conhecimentos de comunicação para com o meio social no qual o aluno está inserido.

A importância do livro didático não se restringe aos seus aspectos pedagógicos e às suas possíveis influências na aprendizagem e no

desempenho dos alunos. O livro didático também é importante por seu aspecto político e cultural, na medida em que reproduz e representa os valores da sociedade em relação a sua visão da ciência, da história, da interpretação dos fatos e do próprio processo de transmissão do conhecimento. (OLIVEIRA 1984, *apud* PATRIOTA, 2011, p. 57)

Segundo Patriota (2011), o livro didático reflete as mudanças históricas da sociedade, da escola, do ensino, ao longo do tempo. Realmente, são inegáveis essas mudanças, conforme já foi contextualizado no capítulo anterior. De acordo com os estudos bakhtinianos, a língua modifica-se, renova-se com o passar do tempo. Logo, o livro didático que faz uso dessa língua para descrever seu conteúdo deve estar atualizado perante o desenvolvimento da sociedade, para assim poder (in)formar de maneira adequada.

Então, o livro representa uma espécie de memória impressa, ou seja, um tipo de registro de informações de uma determinada instituição, ou do tempo no qual esteja inserido naquele momento. Ao citar instituição, é importante lembrar que o livro é um material distribuído nas escolas da rede pública, pelo Governo Federal, de forma gratuita. O que retoma mais uma vez a importância do professor saber manusear esse instrumento, pois os alunos, em sua maioria, o têm como única, ou pelo menos a mais acessível, fonte de informação. Trata-se de uma forma de interação entre o interlocutor (aluno) e o mundo a sua volta. O aluno interage com o livro na intenção de se comunicar com a sociedade.

De acordo com Patriota (2011) “alguns fatos históricos consolidaram o novo formato do LDP, que “explodiu”, digamos assim, com maior ênfase, no final da década de 60, início de 70 do século passado”. E as mudanças continuaram progressivamente até chegar nesse modelo de LDP que temos atualmente.

Inegavelmente, o livro didático é aceito por muitos profissionais da educação pela sua importância e subsídio da prática na sala de aula. Porém, existem que o consideram inadequado, mesmo assim utilizam-no. Isso acontece pela falta de qualidade, pois como já foi exposto o sistema educacional brasileiro é falho, uma vez que vemos, diariamente na mídia, os altos índices de reprovação dos alunos, bem como os comentários de que os materiais fornecidos são de péssima qualidade.

Dessa forma, muitos profissionais não dão crédito ao material e, constantemente, quando o usam se “agarram” a esse material como única fonte de conhecimento a ser “passado” para os alunos, tornando-se dependentes do material, de forma que sem ele não seriam capazes de ministrar uma aula, dando ao ensino um caráter rígido, descontextualizado e muito preso à norma culta da língua, em se tratando, especificamente, do ensino de Língua Portuguesa.

Segundo Rojo e Batista (2003),

em todos os domínios de ensino de língua materna nos quais os livros são avaliados, há o privilégio da norma culta, língua padrão, língua escrita, gêneros e contextos de circulação pertencentes à cultura da escrita (jornalísticos, literários e de divulgação científica, sobretudo; portanto, urbanos e, no caso brasileiro, sulistas). Na abordagem de leitura dos textos, são priorizados o trabalho temático, e estrutural ou formal sobre estes, ficando as abordagens discursivas ou a réplica ativa em segundo plano. (ROJO; BATISTA, 2003, p. 19-20)

Podemos, então, perceber uma falha dos LDP, uma vez que a função social parece ter sido esquecida, o que de maneira nenhuma pode acontecer, pois em uma certa comunidade pode haver alunos que não sejam familiarizados com a norma culta, e sim com outro tipo de linguagem comum no seu meio social e, neste caso, o LDP estaria apenas realizando sua função pedagógica: a de ensinar a língua da maneira “correta”, formal; porém, o fato de não considerar outras formas de pronúncias da língua materna acabará excluindo alguns alunos. As variações linguísticas existem e é necessário serem discutidas, trabalhadas.

Inúmeras vezes, constatamos que boa parte dos LDP trabalha com ênfase na língua, em sua estrutura formal, e mesmo que trabalhe leitura, deixa de lado a interpretação textual, a reflexão sobre um determinado conteúdo. É como se o livro didático servisse apenas para “domesticar” o aluno, ou seja, se ele aprender a utilizar a língua, suas regras gramaticais, estaria pronto para enfrentar a sociedade, o que não é verdade! A sociedade requer sujeitos críticos reflexivos e não meros decodificadores da língua.

Segundo Rojo (2013), o livro didático desempenha um papel estruturador e cristalizador de currículos, assim como outros materiais impressos utilizados nas práticas pedagógicas. A autora afirma que mesmo tentando adequar-se às propostas curriculares estabelecidas, alguns livros não conseguem desligarem-se totalmente da “tradição” de abordagem de seus objetos de ensino.

Rojo (2013) esclarece que para muitos professores o livro didático assume as seguintes funções:

- (a) orientar as ações pedagógicas;
- (b) auxiliar e facilitar o trabalho do professor;
- (c) complementar as aulas e a aprendizagem dos alunos e
- (d) estabelecer o conteúdo de ensino-aprendizagem e a sua sequência, isto é, viabilizar e concretizar o programa e o currículo.

Portanto, diante desse cenário de grande importância do livro dentro do sistema educacional brasileiro, é importante ressaltar que o professor seja consciente de que esse não é o único instrumento de ensino: faz-se necessário que a prática renove-se, inserindo novas fontes de ensino na sua atuação, e que quando estiver com o livro em mãos não prenda-se a ele, se tornando dependente, mas o utilize como um subsídio a mais no processo de ensino-aprendizagem.

O livro didático brasileiro se converteu numa das poucas formas de documentação e consulta empregadas por professores e alunos. Tornou-se, sobretudo, um dos principais fatores que influenciam o trabalho pedagógico, determinando sua finalidade, definindo o currículo, cristalizando abordagens metodológicas e quadros conceituais, organizando, enfim, o cotidiano da sala de aula. (BATISTA, 2003, p.28)

Ainda segundo Batista (2003), o livro didático tem a função de estruturar o trabalho pedagógico que deve se organizar em torno da apresentação não apenas dos conteúdos curriculares, mas também de um conjunto de atividades para o ensino-aprendizado desses conteúdos; e da distribuição desses conteúdos e atividades de ensino de acordo com a progressão do tempo escolar, particularmente de acordo com as séries e unidades de ensino.

Dessa forma, o livro didático, ao invés de auxiliar a prática docente e propiciar o alunado a desenvolver seus conhecimentos, o conteúdo, condiciona e fixa uma organização para a ação docente. Quanto aos alunos, estaciona/estagna na fixação e na avaliação do aprendizado.

Ao longo dos anos foram se desenvolvendo novos modelos de livros escolares/didáticos através de órgãos como a Comissão Nacional do Livro Didático desde 1938, e atualmente o PNLD que é responsável pela avaliação do livro que vai para as escolas.

Segundo Santos (2009), em 1996, a divulgação do livro didático foi feita por meio de um Guia de Livros Didáticos, no qual todos os livros que reuniram qualidades suficientes para serem recomendados foram apresentados aos professores. Com base nesse guia, os professores tiveram condições para escolher o livro que julgavam mais apropriado em função de seus pressupostos, das características de seus alunos e das diretrizes do projeto político-pedagógico de suas escolas, pois passaram a ser colocados à disposição dos professores livros flexíveis, perceptíveis às modificações das formas da organização escolar e dos projetos pedagógicos, bem como à diversificação das expectativas e dos interesses sociais e regionais.

3.1 O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)

Como já fora mencionado, o livro didático é um instrumento pedagógico no tocante ao processo de ensino-aprendizagem e, portanto, faz-se necessário que esse material esteja adequado para realizar essa função de grande importância. Para tanto, há a necessidade que seja rigorosamente avaliado antes de inserir-se nesse cenário.

Inegavelmente, o livro já foi bem mais ridicularizado do que hoje, tanto que, muitas pessoas quando vão falar sobre esse material, ainda o conceitua como inadequado, que não serve para nada e que o professor não deveria utilizá-lo. No entanto, considerando as muitas análises realizadas por diversos autores do cenário educacional sobre esse material, podemos concluir que realmente há livros ruins, porém existem também os bons, e outros considerados adequados para o uso na sala de aula, principalmente trabalhando a prática de ensino de Língua Portuguesa.

Os livros didáticos, enquanto principal suporte para o processo de ensino-aprendizagem e como material de maior acesso para os alunos, particularmente das escolas públicas, não surgem ao acaso nas escolas. Antes deles chegarem às escolas passaram por um processo um tanto quanto complexo. Existem os responsáveis pela análise da qualidade dos livros, como o Ministério da Educação (MEC), o qual é composto por diversos órgãos e programas, entre eles, temos o PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) que é desenvolvido pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e pela Secretaria de Educação Fundamental (SEF), como nos esclarece Batista (2003):

o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC). Seus objetivos básicos são a aquisição e a distribuição, universal e gratuita, de livros didáticos para os alunos das escolas públicas [...] Realiza-se por meio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) [...]. A fim de assegurar a qualidade dos livros a serem adquiridos, o PNLD desenvolve, a partir de 1986, um processo de avaliação pedagógica das obras nele inscritas, coordenado pela Comdipe (Coordenação Geral de Avaliação de Materiais Didáticos e Pedagógicos). (BATISTA, 2003, p. 25-26)

O autor ainda ressalta que o PNLD, atualmente, se caracteriza por ser o resultado de diferentes e sucessivas propostas de ações para definir as relações do Estado com o livro didático brasileiro. Concretizou-se pelo Decreto-Lei nº 91.542, de 1985, que estabeleceu e fixou o PNLD como responsável pela qualidade dos livros a serem adquiridos e das condições

políticas e operacionais do conjunto de processos envolvidos na escolha, aquisição e distribuição desses livros.

Segundo Dionísio e Bezerra (2003) independentemente do ponto de vista de particular deste ou daquele especialista, podemos dizer que o PNLD, especialmente a partir da Avaliação, estabeleceu perspectivas teóricas e metodológicas bastante definidas para o LDP, perspectivas estas que se tornaram possíveis graças a uma movimentação no campo da reflexão sobre o ensino de língua materna que bem poderíamos considerar como uma mudança de paradigma.

Apesar de ter sido criado no ano de 1985, somente a partir de 1996 teve suas características redefinidas, tendo como principais finalidades, atualmente, a aquisição, avaliação e gratuita distribuição de livros didáticos para a educação básica.

Então, o PNLD tem como principal objetivo subsidiar o trabalho pedagógico dos professores por meio da distribuição de coleções de livros didáticos aos alunos da educação básica. Após a avaliação das obras, o MEC publica o Guia de Livros Didáticos com resenhas das coleções consideradas aprovadas. O guia é encaminhado às escolas, que escolhem, entre os títulos disponíveis, aqueles que melhor atendem ao seu projeto político pedagógico. Cada escola escolhe democraticamente, dentre os livros constantes no referido guia, aqueles que deseja utilizar, levando em consideração seu planejamento pedagógico.

O programa é executado em anos alternados. Assim, a cada ano o MEC adquire e distribui livros para todos os alunos de um segmento que pode ser: anos iniciais do ensino fundamental, anos finais do ensino fundamental ou ensino médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Os livros distribuídos deverão ser conservados e devolvidos para utilização por outros alunos nos anos subsequentes. O PNLD também atende aos alunos que são público-alvo da educação especial. São distribuídas obras didáticas, em Braille, de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia e dicionários.

Considerando que o livro didático brasileiro é uma das poucas formas de documento e consulta ao qual o professor e o alunado têm acesso, e assim influencia constantemente o trabalho pedagógico e a formação social dos sujeitos envolvidos nesse cenário educacional, o PNLD avalia esse material de maneira rigorosa, buscando oferecer ao MEC as melhores obras para serem utilizadas.

Ainda segundo Batista (2003), existem alguns critérios de avaliação, de análise, perante as obras como: a adequação didática e pedagógica, a qualidade editorial e gráfica, a pertinência do manual do professor para uma correta utilização do livro didático e para a atualização do docente. Dos critérios eliminatórios,

os livros não poderiam expressar preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade, ou quais quer outras formas de discriminação; não poderiam induzir ao erro ou conter erros graves relativos ao conteúdo da área, como, por exemplo, erros conceituais. [...] a análise classificou os livros em excluídos, não-recomendados, recomendados com ressalvas, e recomendados. (BATISTA, 2003, p. 30-31)

O PNLD é executado, de acordo com Bunzen (2009), de duas formas: centralizada e descentralizada. Quando a aquisição e distribuição dos livros são desenvolvidas pelo FNDE, diretamente às escolas, acontece de maneira centralizada. No entanto, quando o FNDE repassa para as secretarias estaduais e municipais os recursos financeiros, deixando a cargo dos mesmos a aquisição e distribuição dos livros didáticos, ocorre de forma descentralizada.

Tendo em vista que a língua, como já fora mencionado, vive em processo de mudança constante, o PNLD precisa se atualizar constantemente. Caso contrário, não servirá para o processo de avaliação. A linguagem vai mudando ao longo do tempo e, por isso, sempre vai exigindo mais dos materiais que servem de suporte para o processo de ensino aprendizagem. Muitas vezes, vemos a língua tradicional ser deixada de lado, e as pessoas vão criando um novo vocabulário, por outras, vemos apenas ela como a aceitável, a permitida. Faz-se necessário que o livro didático atenda as exigências dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), os quais têm suas atividades concentradas em produção e compreensão de textos, visando permitir e expandir o uso da linguagem relacionado às quatro habilidades básicas: falar, escutar, ler, escrever (BRASIL, 1997). Portanto, promove que o processo de ensino-aprendizagem priorize um cenário de interação com a língua – proposta que se vincula a ADD.

Ao analisarmos esse processo de seleção dos livros didáticos, observamos que não permeia apenas questões voltadas para o processo de ensino-aprendizagem, como também de caráter político, pois os mesmos são considerados uma mercadoria do mundo editorial e está sujeito às influências econômicas, sociais, políticas, técnicas e culturais, da mesma forma que qualquer outro produto que percorre os caminhos da produção, distribuição e consumo. E como já fora estabelecido, os livros, principalmente os de Língua Portuguesa, não têm apenas função pedagógica como no ensino da língua materna, mas também função social, ou seja, na formação social do sujeito. E é necessário que o professor como mediador do conhecimento perceba isso, construindo com o alunado um conhecimento linguístico cada vez mais reflexivo.

Ao final do processo de avaliação, o PNLD divulga os resultados, além de inserir em cada livro uma ficha de avaliação, a qual as editoras devem editar e publicar juntamente com o material, para que assim as instituições fiquem informadas da qualidade de cada obra e, a partir daí, escolham as mais “adequadas” para utilizarem na sala de aula.

Segundo a ADD, a teoria de gêneros de Bakhtin² julga necessário inserir na educação o ensino dos mais variados tipos de gêneros. E os PCN que beberam na fonte de Bakhtin, estabeleceram que o ensino de Português fosse feito com base nos gêneros; e os gêneros do discurso estão intrinsecamente ligados às atividades humanas, visto que falamos sempre por meio de gêneros nas nossas atividades de comunicação. Desse modo, se faz relevante a inserção desse conteúdo nos livros, como, por exemplo, o ensino dos gêneros jornalísticos, uma vez que se trata de veículos de informação e o aluno, muitas vezes, não tem acesso a esse tipo de material. Portanto, é através do livro didático que o aluno terá, em mãos, informações sobre a sociedade na qual está inserido, além de acesso ao conhecimento necessário durante o processo de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, o LDP precisa está adequado para ser utilizado na sala de aula. O ensino dos gêneros precisa ser abordado de maneira correta, caso contrário, será prejudicial ao desenvolvimento do sujeito, ao passo que, se aprender de forma errônea na escola, dificilmente conseguirá corrigir depois em outra situação social.

Feitas essas considerações, também é necessário conhecermos um pouco a Teoria do Jornalismo, a qual complementa nossa análise. Apresentaremos esta discussão no capítulo que se segue.

² A obra “*Questões de estilística no ensino da língua (Bakhtin 2013)*” demonstra que ele estava atento ao contexto escolar, para ele a articulação da estilística com a gramática auxilia o professor a levar os alunos a um conhecimento ativo de procedimentos característicos da língua literária e, também, da língua do cotidiano, da língua viva, em uso. A obra aborda que as formas gramaticais não podem ser estudadas sem que se leve sempre em conta seu significado estilístico. Quando isolada dos aspectos semânticos e estilísticos da língua, a gramática inevitavelmente degenera em escolasticismo.

CAPÍTULO IV

A TEORIA DO JORNALISMO

4. O ESTUDO DOS GÊNEROS JORNALÍSTICOS NO LIVRO DIDÁTICO

É de suma importância pensar no ensino a partir da perspectiva de gêneros, isto é, inserir no livro didático e na prática de ensino-aprendizagem o ensino de Língua Portuguesa os diferentes gêneros. O objetivo de abordar gêneros no livro didático é tentar suprir as deficiências presentes na formação educacional, pois muitos alunos terminam o Ensino Médio sem compreender o uso da língua, sem conseguir reconhecer um gênero.

Boa parte da expansão do ensino da linguagem deve-se aos gêneros, devido ao fato de que eles representam a interação social do sujeito com a linguagem, pois qualquer atividade humana está relacionada com o uso da linguagem. Pelo fato de essas atividades serem bastante diferenciadas forma-se, assim, diferentes tipos relativamente estáveis de gêneros (orais e escritos).

Os gêneros como já fora dito, fazem parte das atividades de comunicação humana, referem-se aos textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Considerando que são muitas e diferentes as atividades humanas, conclui-se que são incontáveis os gêneros discursivos e, o tempo todo, escolhe-se diversos deles para diferentes práticas sociais no dia-a-dia. Portanto, desenvolver o ensino da língua através dos gêneros é uma produtiva opção de prática de ensino-aprendizagem, tendo em vista que usará como recurso de desenvolvimento a realidade do aluno, do seu cotidiano, do seu meio social.

Partindo dessas considerações, faz-se necessário compreender como o uso dos gêneros no LDP pode levar o aluno à compreensão do funcionamento da linguagem, ponderando sobre a forma como está apresentado o gênero no livro, pois os gêneros apresentam caráter mediador e organizador do uso da linguagem e todos os usuários de uma língua moldam sua fala/escrita às formas dos gêneros.

Segundo Bueno (2011), para efetivar essa situação, propõe-se o texto enquanto pertencente a um gênero como unidade básica de ensino e recomenda-se que o ensino deve levar o aluno a dominar as situações de comunicação e, portanto, os gêneros necessários para estas a fim de que realmente se torne cidadão nessa sociedade letrada. Ainda conforme Bueno (2011, p. 35), “do ponto de vista da aprendizagem, o gênero pode ser considerado como uma

megaferramenta que fornece um suporte para a atividade nas situações de comunicação e uma referência para os aprendizes”.

A ADD está presente no ensino de língua portuguesa a partir da inserção dos gêneros no processo de ensino aprendizagem. Os gêneros possuem uma função social de ensino de linguagem que pode atender a inúmeras necessidades materiais e psicológicas. Por meio dessa função social é que os gêneros podem atuar nas duas modalidades, oral e escrita, desde os mais informais aos mais formais e em todos os contextos e situações da vida cotidiana, ou seja, é uma oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia-a-dia – o princípio dialógico da linguagem traz consigo essa preocupação com o funcional da língua: daí o subtítulo deste trabalho monográfico!

Nesse sentido, é importante inserir a perspectiva de gêneros na prática educativa no ensino da língua. Diante da diversidade de gêneros, optamos por analisar os gêneros discursivos da esfera jornalística, em particular os gêneros notícia e reportagem LDP, uma vez que o estudo dos gêneros jornalísticos apresenta uma grande relevância social, pois traz subsídio não só para a formação e atuação profissional de professores de língua, por exemplo, como também para a educação e a formação do cidadão crítico e habilidoso no manejo de tais manifestações languageiras, já que toda sociedade é afetada por elas.

Os gêneros da esfera jornalística estão muito próximos da realidade social do aluno, visto que abordam conteúdos que são importantes para a formação educacional e social de todo sujeito. Portanto, é relevante inserir o ensino desses gêneros no LDP, pois é um dos meios mais próximos do aluno, com o qual ele tem contato diariamente. Então, é a partir do LDP que o sujeito vai conhecer o gênero discursivo da esfera jornalística, bem como das demais esferas, ou seja, ele terá consciência do gênero que usa, na maioria das vezes, em seu cotidiano. Os gêneros jornalísticos inferem nos sujeitos um grande domínio social e uma função primordial de comunicação efetiva entre as pessoas. Sendo assim, seus conteúdos, sua estrutura composicional e estilo, expostos no LDP, podem ajudar o aluno a obter as condições necessárias para desenvolver competências de leitura e de escrita, além das que ele já possui.

Dessa forma, espera-se que as atividades relacionadas com os gêneros jornalísticos, além de aprimorarem a prática de leitura, compreensão, interpretação e produção de textos, também desenvolvam nos alunos a capacidade de refletir sobre o contexto de produção do gênero, bem como caracterizar e identificar o discurso jornalístico, desenvolvendo também habilidades de linguagens relevantes para o ambiente escolar e das práticas sociais correntes na sociedade. Isso é de extrema importância! Os PCN (BRASIL, 1997) defende que o ensino deve levar o aluno a vivenciar situações diversificadas que favoreçam o aprendizado, para

“dialogar” de maneira competente com a comunidade no tocante aos acontecimentos culturais, científicos, sociais e políticos do país e do mundo. Portanto, se os alunos forem capazes de compreender o uso da linguagem em textos da esfera jornalística, poderão desenvolver essas competências. Nesse contexto, defendemos que são os gêneros artefatos linguísticos que possibilitam esse desenvolvimento.

Ao interagirmos nas situações sociais por meio dos textos, mobilizamos três tipos de capacidades de linguagem que são combinadas no momento da leitura/produção: as capacidades de ação, as capacidades discursivas e as capacidades linguístico-discursivas. (DOLZ & SCHNEUWLY, 1996, *apud* DAMIANOVIC, 2007, p. 39)

Na perspectiva de Marcuschi (2005, *apud* XAVIER, 2010), os gêneros de texto são produzidos mediante os objetivos de comunicação dos falantes, ou seja, abarcam os propósitos comunicativos dos usuários da língua, vistos como atores sociais. Os gêneros se enquadram em situações discursivas e se “prolifera” para dar conta da variedade de atividades desenvolvidas no cotidiano, para tanto, suprimindo as necessidades das rotinas sociais.

Os gêneros estão cada vez mais presentes no contexto escolar, portanto representam interação social entre a educação - aluno - sociedade e, a partir dessa realidade, é oportuno analisar como o ensino, através do gênero, pode contribuir para a educação linguística. Os gêneros jornalísticos, em particular a notícia e a reportagem, estão extremamente relacionados com a comunicação. O seu uso social deriva do objetivo de informar, de comunicar o mundo ao sujeito que o lê, tornando-o um sujeito crítico e reflexivo, não só no ambiente escolar, mas também em diferentes situações perante a sociedade na qual está inserido.

4.1 O gênero notícia

O gênero notícia é um gênero discursivo que faz parte da esfera jornalística. Apresenta sequências narrativas e tem o objetivo de informar algum acontecimento real, um fato de interesse geral. A opinião de quem escreve o acontecimento nunca está explícita, a informação se dá por meio do relato. Entretanto, nem todo tipo de relato pode ser considerado uma notícia.

Na visão de Xavier (2010), a notícia é uma composição textual de se produzir informação de maneira sucinta. De caráter factual, ela se constitui como a matéria-prima do jornalista. As principais características da notícia são o uso de uma linguagem precisa, que se

limita unicamente no relato de um fato. Há marca de temporalidade e a apresentação de *lead* (termo jornalístico que representa a abertura de uma matéria e que tenta responder a perguntas essenciais: o que? por quê? onde? como? quando?).

Ainda nas palavras de Xavier (2010), o tipo de *lead* condensado é o mais tradicional. Sua atenção está em responder as perguntas básicas da notícia: que, quem, quando, como, onde e por quê. O *lead* condensado sumariza os fatos principais de maneira clara e uniforme. Em linhas gerais, esse tipo de *lead* responde, num só parágrafo e através de uma construção simples, as perguntas acima citadas que representam a essência do texto de natureza informativa.

Lustosa, em Bueno (2011),

define notícia como a informação transformada em produto, relato de um fenômeno social, presumivelmente de interesse coletivo ou de um grupo expressivo de pessoas. A notícia não seria a realidade, nem a tradução objetiva, imparcial e descomprometida de um fato. Ela seria uma versão de um fenômeno social. (LUSTOSA, 1996 *apud* BUENO, 2011, p. 37)

Segundo Lage (1993, p. 23), “o processo de produção da notícia tem 3 fases: 1) a seleção dos eventos; 2) a sua ordenação; e a 3) a nomeação, ou escolha lexical, para narrá-los”. Correspondem, respectivamente, as dimensões do gênero, tema, composição e estilo: dimensões defendidas por Bakhtin (2003).

Toda organização da notícia, desde a escolha do conteúdo (tema), depois da estrutura (composição) trata-se do modo, da forma como vão ser organizados os conteúdos, os principais, os secundários; até a escolha do estilo, que é a linguagem que vai ser utilizada na publicação da notícia. Todo esse processo na elaboração da notícia é decidido pela interação das enunciações, do enunciador e do interlocutor, considerando sempre o meio social no qual o gênero vai ser inserido e também os sujeitos que irão ter acesso à notícia escrita ou falada.

Conforme a ADD, podemos considerar que o gênero notícia é dialógico, uma vez que, sempre que há enunciação há dialogismo. Logo, a notícia que tem a função de informar e faz uso da linguagem para realizar essa tarefa é enunciativa, portanto dialógica.

4.2 O gênero reportagem

A reportagem é um gênero discursivo que faz parte da esfera jornalística e que apresenta textos com informações específicas de situações observadas de forma direta. Muitas

vezes, as pessoas confundem com uma notícia, uma vez que ambos os gêneros têm o objetivo de informar de forma narrada alguns fatos e acontecimentos.

Segundo Xavier (2010), a reportagem é uma forma de textualização que, diferentemente da notícia, caracteriza-se por alargar ou detalhar a construção textual de referência a determinado fato ou acontecimento. Ela exige do jornalista um maior comprometimento com a informação, uma vez que dá margem para a busca de diversas fontes que se inserem como determinantes no processo de compreensão do texto.

O gênero reportagem pode ser televisionado, radiofonizado ou impresso, ambos com características diferentes. Quando televisionada, a reportagem deve ser transmitida por um repórter que utilize uma linguagem clara, direta, precisa e sem incoerências. E também deve saber utilizar a entonação que dá vida às palavras, uma vez que o repórter representa na fala os sinais de pontuação. Quando a reportagem é impressa o repórter que a edita deve demonstrar capacidade intelectual, criatividade, sensibilidade quanto aos fatos e uma escrita coerente, que dinamiza a leitura e a torna fluente. Dessa forma, a subjetividade está mais presente nesse tipo de reportagem impressa do que na TV.

Esse gênero, quando escrito e oral também, apresenta algumas características peculiares como: *manchete*, *lead* e *corpo*. *Manchete*: compreende o título da reportagem que tem como objetivo resumir o que será dito. Além disso, deve despertar o interesse do leitor. *Lead*: pequeno resumo que aparece depois do título, a fim de chamar mais ainda a atenção do leitor. *Corpo*: desenvolvimento do assunto abordado com linguagem direcionada ao público-alvo.

Segundo Pena (2008), a definição de reportagem quase sempre é constituída em comparação com a notícia. Sendo assim, utiliza um quadro comparativo entre os dois gêneros que o reproduzimos nesse momento:

A notícia apura fatos	A reportagem lida com assuntos sobre fatos
A notícia tem como referência a imparcialidade	A reportagem trabalha com o enfoque, a interpretação
A notícia opera em um movimento típico da indução (do particular para o geral)	A reportagem, com a dedução (do geral, que é o tema, ao particular – os fatos)
A notícia atém-se à compreensão imediata dos dados essenciais	A reportagem converte fatos em assunto, traz a repercussão, o desdobramento; aprofunda
A notícia independe da intenção do veículo (apesar de não ser imune a ela)	A reportagem é produto da intenção de passar uma “visão” interpretativa
A notícia trabalha muito com o singular (ela se dedica a cada caso que ocorre)	A reportagem focaliza a repetição, a abrangência (transforma vários fatos em tema)
A notícia relata formal e secamente – a pretexto de comunicar com imparcialidade	A reportagem procura envolver, usa a criatividade como recurso para seduzir o receptor
A notícia tem pauta centrada no essencial que recompõe um acontecimento	A reportagem trabalha com pauta mais complexa, pois aponta para causas, contextos, consequências, novas fontes

QUADRO 02 – Comparativo da definição/construção textual dos gêneros notícia e reportagem
Extraído de Pena (2008, p. 76)

Sabemos que no meio jornalístico existem vários gêneros, dos quais tomamos conhecimento diariamente. A reportagem, assim como a notícia, representa tal modalidade, cujo objetivo é proporcionar ao público leitor/expectador a interação com os fatos decorrentes da sociedade; e se trouxermos esses gêneros para a prática na sala de aula estaremos proporcionando ao alunado a oportunidade de reconhecer o uso e a função da língua dentro desses gêneros, além de aprender e refletir sobre o uso da linguagem em vários ambientes, ou seja, além de saber utilizar a língua na escola, o aluno conseguirá interagir em outros ambientes sociais.

Segundo Lage (1993), a distância entre reportagem e notícia estabelece-se, na prática, a partir da *pauta*, isto é, do projeto de texto. Na notícia as pautas são apenas indicações de fatos programados, da continuação de eventos já ocorridos e dos quais se espera desdobramento. O sistema de captação de notícias mantém contato permanente com os setores que registram os acontecimentos. Já a reportagem supõe outro nível de planejamento: os assuntos estão sempre disponíveis e podem, ou não, ser atualizados por um acontecimento. A

pauta deve indicar de que maneira o assunto será abordado, que tipo e quantas ilustrações, entre outros e, para isso, precisa dispor dos dados.

Os gêneros notícia e reportagem apresentam aspectos convergentes e divergentes ao mesmo tempo, como vemos no QUADRO 02 e é em virtude de tal semelhança, como já fora dito, que as pessoas confundem um gênero com o outro. Portanto, considerando esses aspectos é fato que no momento em que esses gêneros forem utilizados no LDP pode acontecer alguns conflitos de opiniões entre as características e usos desses gêneros. Por isso, se faz necessário que esses gêneros sejam avaliados quanto ao seu uso no LDP, em virtude de não distorcerem o processo de ensino-aprendizagem por questões que não correspondem a realidade de produção e de circulação dos gêneros.

Considerando os conceitos de ambos os gêneros, analisaremos como os gêneros notícia e reportagem estão sendo abordadas no LDP tanto em função dos seus respectivos conceitos, como também em função de suas atividades de escrita.

CAPÍTULO V

NOTÍCIA E REPORTAGEM NO LDP

5.1 A notícia no LDP em função do conceito de gênero

Partindo das considerações feitas nos capítulos teóricos, iniciaremos a análise do *corpus* da nossa pesquisa, o LDP, para averiguarmos como o gênero notícia está sendo abordado, se vai de acordo com a teoria de gêneros ou não.

O LDP “Português: contexto, interação e sentido”, de Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara, é dividido em três seções: Literatura, Gramática e Produção de Texto. Nossa pesquisa está voltada para a terceira seção, na qual se encontram os gêneros que compõem nosso *corpus*: notícia e reportagem.

A seção que iremos analisar recebe o título de “Produção de Texto”, pelo fato de que no final de cada capítulo que expõe um tipo de gênero há uma proposta de produção, isto é, o aluno tem a oportunidade de produzir o gênero estudado.

Inicialmente, o livro traz na página 317, a unidade 8 que abordará textos narrativos e dissertativos, que nas palavras das autoras do LDP é quando as pessoas utilizam a linguagem para relatar acontecimentos. A exemplo, será abordado o gênero discursivo notícia.

No capítulo 26 é trabalhado o gênero notícia. Nele, as autoras do livro deixam explícitos quais os objetivos almejados, os quais fazem referência as dimensões do gênero: *tema* – quando propõem identificar a finalidade desse gênero, que tipo de acontecimento pode virar notícia; *composição* – quando propõem o reconhecimento da estrutura do gênero; *estilo* – propõem saber fazer a escolha dos recursos linguísticos adequados a notícia; e demonstra que é importante estudar as condições de produção do gênero – quando propõem a compreensão de como contexto de circulação e perfil do interlocutor podem afetar a estrutura do gênero. Assim, podemos verificar que as autoras iniciam o capítulo com a intenção de ensinar o gênero através da perspectiva dialógica.

Em seguida, apresentam um texto que, segundo elas, é uma notícia. Vejamos:

FIGURA 01– Notícia (texto)

Capítulo

26 **Notícia**

do capítulo inicia objetivos mundo seu

OBJETIVOS

Ao final do estudo deste capítulo, você deverá ser capaz de:

1. Reconhecer as características estruturais da notícia. ✓
2. Identificar a finalidade desse gênero e a natureza dos acontecimentos que podem virar notícia.
3. Compreender de que modo o contexto de circulação e o perfil de interlocutor afetam a estrutura desse gênero.
4. Saber escolher os recursos linguísticos adequados à notícia. ✓

Leitura

O trabalho realizado ao longo deste capítulo favorece o desenvolvimento da competência de área 1 e das habilidades H1, H2, H3 e H4. Para identificá-las, consultar, no Guia de recursos, a matriz do Enem 2009.

Hoje vivemos na era da informação. Diariamente somos bombardeados, pela televisão, pela internet, por jornais e revistas, com notícias que nos dão conta de acontecimentos importantes (e não tão importantes) ocorridos a cada instante nos quatro cantos do mundo. O texto abaixo ilustra um momento do passado recente em que os jornais escritos eram um dos espaços mais procurados pelas pessoas para a obtenção de informações sobre o que se passava no mundo.

A Lua no bolso *Green*

Noticiário elaborado com telegramas da AP, UPI e AFP

maneira m e da para notícia

Exatamente às 23 horas, 56 minutos e 31 segundos (hora de Brasília), o comandante Neil A. Armstrong tocou o solo da Lua, descendo pela cabine do módulo lunar, 6h38 depois de ter pousado na superfície do satélite natural da Terra. "A porta está se abrindo", disse Armstrong às 23h39. Um minuto depois o astronauta vislumbrava diretamente a superfície da Lua. Lentamente, com movimentos extremamente seguros, começou a descer a escadinha do módulo, pisando sempre com o pé esquerdo. Quando alcançou o segundo degrau a televisão começou a transmitir diretamente da Lua para a Terra, focalizando perfeitamente o astronauta. Já sobre o solo lunar, Armstrong afastou-se do módulo e começou a executar suas primeiras tarefas, tornando realidade um sonho milenar do homem. [...]

Durante a descida, puxando um anel na fuselagem do módulo, Armstrong ligou uma câmera de televisão que transmitiu seu primeiro passo na Lua para a Terra.

Armstrong disse ainda que "a superfície da Lua é fina e poeirenta, como carvão em pó sob meus pés. Posso ver as pedregalhas que minhas botas deixam nas finas partículas". Comunicou que recolheu a primeira amostra e disse: "Agora vou tentar pegar uma pedra. Isso é muito interessante. A primeira impressão é de uma superfície muito branda. Mas agora parece ter muita consistência. Tentarei agora obter outra amostra".

Os médicos do Centro de Controle disseram que "a informação é boa e a tripulação lunar parece que vai bem".

AP: Associated Press.
UPI: United Press International.
AFP: Agence France-Presse.

338 Capítulo 26

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

FONTE: (ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2013, p. 338)

fatos narrados pelo astronauta, além de apresentar o *lead* - responde as perguntas **quem?** , **o quê?** , **quando?** , **como?** , **por quê?**: característica peculiar do gênero notícia. O texto apresentado pertence à esfera jornalística, isso pode ser comprovado através da fonte informada: “Folha de S. Paulo”, jornal renomado e de grande conhecimento das pessoas e assinado pelos jornalistas Vinicius e Carlos Kauffmann. No entanto, não é uma notícia, ao contrário do que afirma as autoras do LDP.

Além da característica já informada, de não ser factual, existem outras características que comprovam não ser notícia, e sim uma reportagem, pois a reportagem relata acontecimentos, “a chegada do homem a lua” é um exemplo disso. O fato de aparecer no texto marcas da fala do entrevistado, o astronauta Neil Armstrong, também caracteriza o texto como reportagem, já que na notícia isso não acontece.

O repórter utiliza um tom interpretativo ao descrever minuciosamente cada passo do astronauta, faz uso de adjetivos, de metáforas, causas e consequências dos atos etc. Essas são peculiaridades do gênero reportagem – passar uma visão interpretativa e envolver o leitor.

Com relação à atividade, inclusa na seção determinada “Análise”, consideramos que não se remete às normas linguísticas, mas tenta levar o aluno para os dados que estão sendo abordados no texto apresentado. Podemos fazer uma ressalva na **questão 05**, pois trata do uso das aspas, e nesse momento o professor poderia fazer uma ponte com as normas gramaticais. Apesar das primeiras questões exigirem do aluno um pouco de reflexão, a maioria delas não passa de um exercício de localização e identificação, visto que o enunciado já indica o parágrafo no qual o aluno vai encontrar a resposta, prendendo o aluno à mera repetição do que está no texto, não propiciando a reflexão sobre a sua leitura. Dessa forma, não o leva a fazer suposições e depois confirmá-las ou refutá-las, como por exemplo, na **questão 03**, em que o aluno deveria voltar ao texto para responder: o enunciado já traz na questão o parágrafo em que ao aluno vai encontrar as respostas para as perguntas do *lead* do texto perguntas **quem?** , **o quê?** , **quando?** , **como?** , **por quê?** Vejamos as Figuras 03 e 04:

FIGURA 03 – Atividade notícia

Análise

1. O texto acima foi escrito para cumprir uma finalidade específica. Qual é ela?
 - ▶ Como essa finalidade é alcançada?
2. O título do texto — “A Lua no bolso” — pode ser interpretado literalmente? Explique.
 - ▶ Que relação de sentido pode ser identificada entre o título e o texto?

Notícia 339

Perguntas do contexto...

FONTE: (ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2013, p. 339)

FIGURA 04 – Atividade notícia

3. Leia o trecho abaixo para responder à questão.

Exatamente às 23 horas, 56 minutos e 31 segundos (hora de Brasília), o comandante Neil A. Armstrong tocou o solo da Lua, descendo pela cabine do módulo lunar, 6h38 depois de ter pousado na superfície do satélite natural da Terra. "A porta está se abrindo", disse Armstrong às 23h39. Um minuto depois o astronauta vislumbrou diretamente a superfície da Lua. Lentamente, com movimentos extremamente seguros, começou a descer a escadinha do módulo, pisando sempre com o pé esquerdo. Quando alcançou o segundo degrau a televisão começou a transmitir diretamente da Lua para a Terra, focalizando perfeitamente o astronauta. Já sobre o solo lunar, Armstrong afastou-se do módulo e começou a executar suas primeiras tarefas, tornando realidade um sonho milenar do homem.

► O autor do texto tomou o cuidado de oferecer, no primeiro parágrafo, uma série de informações que permitissem ao leitor responder a algumas perguntas: o quê?, quem?, quando?, como?, por quê?. No caderno, transcreva do texto as respostas para tais perguntas.

4. Agora, compare as informações apresentadas no primeiro parágrafo ao tipo de informação que consta dos parágrafos seguintes. Podemos afirmar que elas cumprem funções diferentes. Por quê?

5. As aspas foram utilizadas com frequência ao longo do texto. Observe as seguintes passagens:

"A porta está se abrindo", disse Armstrong às 23h39.

Armstrong disse ainda que "a superfície da Lua é fina e poeirenta, como carvão em pó sob meus pés. Posso ver as pegadas que minhas botas deixam nas finas partículas".

"É algo parecido com o deserto no Oeste dos Estados Unidos. Mas é muito bonito aqui fora", acrescentou Armstrong.

► Analise o uso das aspas nas passagens acima. Pode-se afirmar que, em todos os casos, elas foram utilizadas para atribuir a autoria de uma opinião ao astronauta Neil Armstrong? Explique.

6. Em alguns momentos, podemos identificar passagens descritivas no texto. A primeira delas aparece já no primeiro parágrafo. Qual a importância da descrição em uma notícia como essa?

Característica do gênero

FONTE: (ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2013, p. 340)

Dessa maneira, o aluno não tem, sequer, o trabalho de voltar ao texto e reler para tirar dúvidas, pois já é certo que as respostas que ele precisa estão ali no parágrafo dado na questão. As autoras deveriam ter explorado mais o texto, com questões que exigissem reflexão sobre o gênero, uma vez que o bloco é de análise do gênero.

Seguindo a análise ao longo do capítulo, percebemos que o tópico sobre definição do gênero notícia é abordado da forma correta. Vejamos a Figura 05:

FIGURA 05 – Notícia: definição e usos

PRODUÇÃO DE TEXTO 

Da definição do gênero

Notícia: definição e usos

Jornais, revistas, rádio, televisão, internet. Por todos os lados, estamos cercados de notícias transmitidas das mais diversas formas. Com o avanço das tecnologias de comunicação, esse gênero tornou-se parte integrante da vida cotidiana.

Tome nota

A **notícia** é um gênero discursivo que apresenta o registro de fatos de interesse geral, sem que a opinião de quem a escreve a respeito dos acontecimentos seja explicitada. Sua finalidade é informar, por meio de um relato, as circunstâncias em que ocorreram os fatos registrados. Toda notícia apresenta os fatos a partir de uma perspectiva determinada pelo olhar de quem a escreve, pela orientação do jornal ou revista e pelo público-alvo da publicação.

A definição deixa clara a finalidade da notícia: informar por meio do relato de fatos. Porém, não é qualquer tipo de informação ou acontecimento que vira notícia. Como o objetivo da notícia, no contexto jornalístico, é o de transmitir informação a um grande número de pessoas, torna-se necessário definir que acontecimentos merecem virar “notícia”.

O critério adotado é o da relevância. Fatos que afetam aspectos da vida política, econômica, social ou cultural de um país são naturalmente considerados acontecimentos a serem noticiados. Por outro lado, uma ocorrência familiar cotidiana, pessoal, particular, embora possa até ser importante o suficiente para ser relatada a parentes e conhecidos, não é registrada em uma notícia, porque não apresenta relevância para as pessoas em geral.

Devemos observar que, por sua constituição, a notícia é um gênero discursivo que apresenta características híbridas: estrutura-se a partir do relato de fatos, mas tem como finalidade informar sobre as circunstâncias relacionadas a determinados acontecimentos. Nesse sentido, apresenta características associadas a dois tipos composicionais: a **narração** e a **exposição**. Optamos por apresentar este gênero na unidade *Narração e descrição* por acreditar que, na essência de toda notícia, encontramos uma atividade de natureza narrativa. Converse com seus alunos a esse respeito para esclarecer a razão de este gênero ter sido apresentado como um gênero da narração.

10 de 19 de fevereiro de 1988.

FONTE: (ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2013, p. 341)

Há uma observação nessa seção apenas no LDP do professor, que solicita ao professor que explique aos alunos que a notícia é um gênero narrativo e expositivo. Porém, optaram por abordá-lo nessa unidade, ao invés da próxima que será exposição, devido à essência de toda notícia ser narrativa. Percebemos que a definição apresentada foi clara e objetiva, ou seja, o aluno conseguiria em outra situação definir o gênero notícia, reconhecer o gênero em outro ambiente de acordo com essa definição, mas sem atentar para o exemplo dado no LDP: caso contrário cometeria um equívoco.

No tocante às dimensões teóricas do gênero oriundas de Bakhtin (2003), vistas nos capítulos teóricos, o tema do texto escolhido pelas autoras, “a chegada do homem na lua”, não fora o adequado para introduzir um capítulo sobre o gênero, além de já apresentarem um texto que não é notícia. Esse tema pode não ser de interesse de todos e os jornalistas não demonstram qual a relevância educacional, social ou cultural que esse acontecimento pode representar para o país, o mundo, e assim foge de uma das dimensões teóricas do gênero – tema – pois esse se refere aos sentidos extraídos das relações sociais do sujeito; ao contrário, limita-se apenas a descrever os passos do astronauta.

Quanto aos tópicos determinados pelo LDP como fatores que podem afetar a estrutura da notícia, observamos que foram avaliados corretamente, uma vez que, como já fora afirmado nos capítulos teóricos, os estudos bakhtinianos defendem que todo gênero atua conforme o ambiente de comunicação que estiver inserido, ou seja, o contexto de circulação.

E modifica-se também devido o perfil do seu interlocutor, isto é, o possível público (leitores) que têm acesso ao gênero.

Conforme a teoria bakhtiniana, a interação verbal constitui essa realidade da língua, os sujeitos são diferentes entre si, bem como as experiências, o uso da linguagem também é diferente, e a partir da interação entre essas diversidades, chegam-se ao diálogo, a enunciação, ao discurso. Afinal, todos esses elementos estão dialogicamente relacionados.

Portanto, podemos observar que é importante serem feitas essas considerações no LDP sobre o gênero, ao passo que o aluno pode encontrar a mesma notícia redigida de formas diferentes, como o exemplo utilizado no LDP, no tópico “Contexto de circulação” (ver Figura 06), é exemplificada a possível mudança de uma mesma notícia em ambientes diferentes como, por exemplo, o jornal impresso e a internet. Nesse sentido, as autoras têm razão em afirmar que o gênero muda, pois o texto do jornal impresso vai ser maior que o da internet, devido ao espaço. Por exemplo, no jornal impresso o acontecimento pode ser relatado no outro dia, já na internet é na mesma hora em que acontece, é instantâneo. Logo, o tempo de apuração dos fatos é bem menor do que o do jornal impresso. Os portais de internet passam o dia sendo modificados, pois minuto a minuto são atualizados com novas informações³. Vejamos:

³ Nem tudo que se está na mídia jornalística é notícia. As autoras do LDP consideram o exemplo, portal da internet, como uma notícia, porém não podemos afirmar que elas estão certas ou erradas, pois a manchete utilizada no exemplo pode nos levar, ao clicarmos nela, tanto a uma notícia quanto a uma reportagem.

FIGURA 06 – Contexto de circulação

Contexto de circulação

Durante séculos, os jornais impressos eram o único meio regular de divulgação de notícias. Com o avanço das tecnologias de transmissão de informação (rádio, televisão, internet), o contexto de circulação das notícias foi radicalmente alterado.

Um exemplo ilustra bem essa transformação. Em 11 de setembro de 2001, quando terroristas lançaram aviões contra alvos americanos, derrubando as Torres Gêmeas, em Nova York, destruindo parte do prédio do Pentágono, em Washington DC, e matando milhares de pessoas, a opinião pública acompanhou, pelas telas de computador e televisão, os dramáticos acontecimentos. Portais de notícias da internet eram atualizados minuto a minuto para transmitir com maior fidelidade o que acontecia nos Estados Unidos.

Jornais impressos não teriam condições de levar as notícias a milhões de pessoas em todo o mundo à medida que os fatos iam acontecendo.

Essa constatação nos obriga a concluir algo importante: a depender do meio em que circulam as notícias, elas assumem configurações diferentes. Uma notícia redigida para ser postada em um portal da internet provavelmente contará com menos informações do que a notícia equivalente que será publicada na edição de um jornal no dia seguinte. Isso ocorre porque, com a necessidade de informar os fatos no exato instante em que acontecem, os portais da internet não têm como garantir o tempo necessário para a apuração mais minuciosa dos detalhes do fato noticiado.

É comum, inclusive, algumas das notícias veiculadas nesses portais serem atualizadas ao longo do dia, para acréscimo de detalhes e correção das informações iniciais que se mostram inexatas.

Os jornais impressos não enfrentam essas dificuldades, porque dispõem de mais tempo e podem, assim, trazer informações mais completas e bem elaboradas.

Um fato que pode atenuar a importância ou até mesmo a ocorrência do fato

Página de um portal de notícias da internet.



Notícia 341

FONTE: (ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2013, p. 341)

No tópico “Os leitores da notícia”, podemos observar a mesma relevância do tópico anterior, uma vez que dependendo do público a escrita e os acontecimentos a serem publicados são diferentes, como os exemplos expostos no LDP de capas do jornal impresso aparecem escritos com letra maiúscula, outra com imagem e poucas palavras, ou seja, os jornalistas usam de diferentes artifícios para chamar a atenção do leitor, isto é, usam títulos chamativos para instigar o leitor na leitura de sua matéria.

Passemos para a apresentação da Figura 07.

FIGURA 07 – Os leitores das notícias

outro leitor

• **Os leitores das notícias**

Como vimos no Capítulo 23, o perfil dos leitores costuma ser definido pela natureza da publicação. Jornais, de modo geral, trabalham com um perfil de interlocutor universal, porque são dirigidos a um público leitor muito amplo. Seções mais gerais, que tratam dos acontecimentos mais importantes no país e no mundo, são lidas por adultos e adolescentes, homens e mulheres, pessoas de diferentes classes sociais. Por esse motivo, torna-se difícil definir um perfil de interlocutor muito específico para os textos que compõem tais seções.

Isso não significa, porém, que não haja, no interior dos jornais, seções voltadas para leitores com características mais específicas. Os cadernos de esporte e economia, por exemplo, contarão com leitores interessados particularmente em tais assuntos. Nesse sentido, o perfil dos leitores das notícias será variável e corresponderá às diferentes seções especializadas de um jornal ou de um site.

Também precisamos considerar que há jornais destinados a um público com perfil bem específico. São os chamados **jornais populares**. Nesse caso, a imagem do público-alvo é feita com base em dados estatísticos referentes à renda média dos leitores.

Destinados a pessoas de baixa renda, os jornais populares são publicações mais baratas que se especializam em notícias sensacionalistas. Tratam de assuntos relacionados ao cotidiano, explorando o sentimento e a subjetividade nas notícias que veiculam. Sabem que os seus leitores não se interessam prioritariamente por assuntos públicos, por isso se permitem publicar notícias que apresentam o mundo de modo personalizado, singularizando ao máximo os fatos relatados. Em lugar dos acontecimentos mais relevantes para a sociedade, abordam os casos particulares, dramáticos, apresentados em textos "apelativos".



Capa do caderno especial Paladar, integrante do jornal O Estado de S. Paulo, São Paulo, 15 nov. 2012.

Capa do jornal Meia hora, 3 nov. 2012.



Capa do jornal Agora de 24 nov. 2012.

FONTE: (ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2013, p. 342)

No tocante a teoria de gêneros de Bakhtin (2003), percebemos que nesses dois tópicos apresentados, as autoras consideraram a importância das condições de produção do gênero, uma vez que o contexto de circulação e os possíveis leitores do gênero (Figuras 06 e 07) podem alterar a organização do gênero a ser publicado.

Ao prosseguirmos, encontramos os últimos tópicos do capítulo: “Estrutura” (composição) e “Linguagem” (estilo), o primeiro aborda a estrutura do gênero notícia e o segundo o tipo de linguagem utilizada no gênero.

O interessante nesse LDP, é que sempre são utilizados exemplos diferentes, para explicar os tópicos e isso traz uma perspectiva positiva/plural ao ensino, pois os alunos vão reconhecer em cada notícia o público a qual se destina, e assim compreenderá melhor.

É inegável que as autoras do LDP definiram a estrutura da notícia da forma correta, até dando dicas de como perceber, compreender a notícia, ou seja, inferindo as perguntas básicas do *lead*: **o quê? , quem? , quando?** Porém, mais uma vez, as autoras se equivocaram no exemplo. Escolheram um texto que não é notícia, mesmo apresentando o *lead*, como podemos visualizar na próxima figura.

FIGURA 08 – Estrutura da notícia

PRODUÇÃO DE TEXTO

Estrutura

Para garantir que os leitores encontrem de modo rápido as principais informações sobre um determinado fato, as notícias típicas são redigidas de acordo com uma estrutura previamente determinada.

Dessa estrutura faz parte o **título**, que tem a função de chamar a atenção do leitor para o que será informado naquele texto. Abaixo do título pode aparecer um **subtítulo**, enunciado breve que destaca o aspecto principal do que será noticiado.

A primeira parte do texto da notícia deve seguir, preferencialmente, a técnica conhecida como "pirâmide invertida". A ideia é apresentar as informações básicas no início do texto, que será chamado de **lide** ou **lead**. À medida que o texto prossegue, o leitor acompanhará a articulação e o desenvolvimento das informações apresentadas no lide.

O lide corresponde ao primeiro parágrafo e deve permitir que o leitor possa responder a três questões básicas: **o quê?, quem?, quando?** Em outras palavras: *o que aconteceu, com quem aconteceu e quando aconteceu.*

O corpo da notícia precisa desenvolver as informações introduzidas no lide e responder a duas outras questões: **como?, por quê?** Observe.

Título:
destaque para o **fato** a ser informado pelo texto.

A **pirâmide invertida** mostra como as informações básicas se concentram no início do texto.

Lide da notícia:
quem – Neil Armstrong.
o quê – primeiro homem a pisar na Lua.
quando – às 23h56min de 20 de julho de 1969.

O restante da notícia traz outras informações sobre a chegada do homem à Lua:
como – Neil Armstrong desce do módulo lunar vazio de atmosfera, pisa no solo da Lua e faz o primeiro passeio lunar humano.
por quê – para permitir a “conquista” da Lua pela Terra (pelos seres humanos).
Embora o texto não explore os desdobramentos da chegada do homem à Lua, informa que o 1 bilhão e 200 milhões de pessoas que acompanharam as imagens estavam fascinadas pelo milagre que testemunharam. Era um momento histórico.



Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

NASA/IMAGEM DE PICTURESGETTY IMAGES

Homem na Lua

Passeio lunar de Neil Armstrong, durante a Missão Apollo 11.

Oito vezes Armstrong repetiu a lenta e dramática dança. De costas para a paisagem da noite lunar, com as mãos seguras na escada de sua águia metálica, procurava com os pés cada degrau da histórica descida. Então veio o último lance: às 23h56min de 20 de julho de 1969, Armstrong estendeu seu pé esquerdo, apalpou cuidadosamente o chão fino e poroso, pressionou-o depois com mais força e só então deixou-se ficar de pé na Lua. O grande e grotesco vulto branco, que horas antes decidiu antecipar o primeiro passeio de um homem na Lua — deveria ser às 3h16min da manhã de 21 de julho — emocionou-se: o astronauta Armstrong era, a partir daquele instante, Neil Armstrong, o primeiro homem a pisar na Lua.

Sua mão ainda se apoiou alguns instantes no módulo já vazio de atmosfera. Depois, libertou-se totalmente e deu os primeiros passos. Na Terra, 1 bilhão e 200 milhões de pessoas, reunidas diante dos vídeos, segundo os cálculos da NASA, ficavam fascinadas pelo duplo milagre da descida e de suas imagens. Na Lua, um homem grande e forte experimentava, naquele instante, a sensação de pesar como uma criança: 15 quilos apenas. A Terra conquistava a Lua.

Veja, jul. 1969. In: NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 102.

Optamos por reproduzir uma segunda notícia da chegada do homem à Lua, para que os alunos possam comparar a economia da linguagem e os recursos estilísticos utilizados pelo autor do texto publicado na revista, com as características observadas no texto de abertura deste capítulo e exploradas na seção “Análise”.

Notícia 343

Nesse tópicos sobre a estrutura, percebemos que as autoras contemplaram uma das dimensões teórico-analítica do gênero – a *composição* – uma vez que determina a forma da organização dos elementos estruturais da língua dentro do texto.

Nesse momento, apresentamos a discussão que as autores fazem sobre a linguagem do gênero.

FIGURA 09 – Linguagem da notícia

Linguagem

A linguagem empregada nas notícias deve obedecer às regras do português escrito culto e costuma ser definida por frases curtas, com uma estrutura sintática básica (*sujeito - predicado - complemento*). Por trás dessa estrutura sintática mais simples, está o princípio de "uma frase-uma ideia", que ajuda a garantir a clareza do texto.

É claro que isso não significa abrir mão da qualidade da escrita, nem do estilo do autor, porque são importantes fatores para capturar a atenção do leitor. Observe o início da notícia da descida do astronauta Neil Armstrong na Lua.

Oito vezes Armstrong repetiu a lenta e dramática dança. De costas para a paisagem da noite lunar, com as mãos seguras na escada de sua águia metálica, procurava com os pés cada degrau da histórica descida. Então veio o último lance: às 23h56min de 20 de julho de 1969, Armstrong estendeu seu pé esquerdo, apalpou cuidadosamente o chão fino e poroso, pressionou-o depois com mais força e só então deixou-se ficar de pé na Lua.

O autor do texto manteve-se fiel ao princípio do uso de frases curtas e termos simples, mas isso não o impediu de utilizar efeitos de estilo. O primeiro e mais interessante deles foi iniciar o texto com o número de vezes em que o astronauta repetiu um mesmo gesto, caracterizado metafóricamente como sua "lenta e dramática dança".

O módulo lunar também foi apresentado por uma metáfora: "águia metálica". Em lugar de começar desse modo, o jornalista poderia ter simplesmente escrito algo como: *Neil Armstrong desceu os oito degraus do módulo lunar*.

A diferença entre a abertura do texto e esta, mais objetiva, é bem grande: a primeira delas ajuda o leitor a criar uma imagem mais poética do histórico feito de Neil Armstrong; a segunda ficaria limitada a informar o que aconteceu no momento em que o astronauta americano desceu do módulo lunar.

O que pretendemos ilustrar, com essa comparação, é que um texto pode ser claro, preciso e informativo sem que seu autor seja obrigado a abrir mão do seu próprio estilo.



Uma única bala na agulha

O jornalista Ricardo Noblat, responsável pela reforma editorial do *Correio Braziliense*, faz uma recomendação importante aos futuros jornalistas:

Vocês têm só uma bala na agulha para capturar a atenção dos leitores: as primeiras linhas de um texto. Se elas não forem capazes de despertar interesse, tchau e bênção. [...]

O erro pode estar na escolha dos assuntos. Ou na qualidade dos textos. Ou nas duas coisas. Os assuntos podem ser atraentes. Se oferecidos por meio de textos medíocres, não serão lidos. Os textos podem ser gramaticalmente corretos e contar uma história com começo, meio e fim. Se não forem instigantes, *bye, bye*, leitores.

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 100. (Fragmento).

Outro princípio a ser considerado no momento de redigir uma notícia diz respeito à emissão de opiniões. Os jornalistas evitam termos que traduzem parcialidade ou opinião, porque a finalidade da notícia é, antes de mais nada, informar. Por esse motivo, em uma notícia, os adjetivos e os advérbios são em geral utilizados somente quando indispensáveis para caracterizar um dado fato e raramente aparecem relacionados à expressão de opiniões.

No último tópico “Linguagem”, as autoras apresentam qual a linguagem empregada no gênero notícia, e mais uma vez utiliza o exemplo para deixar claro para o leitor, as marcas linguísticas que podem ser percebidas no texto. Consideramos adequada a abordagem sobre linguagem, uma vez que deixa claro que no gênero notícia a linguagem que deve ser usada é uma linguagem “correta”, ou seja, a do português culto, e de forma breve e objetiva. As autoras mencionam, no último parágrafo, que a notícia é imparcial, não se usa opiniões nem das pessoas relacionados com o acontecimento, nem mesmo do jornalista, o qual tem como papel apurar os fatos e relatar de maneira formal e imparcial, enfatizando que o uso dos adjetivos e advérbios aparece raramente na notícia relacionados com a expressão de opiniões.

No presente tópico sobre linguagem, as autoras mais uma vez contemplaram outra dimensão do gênero – o *estilo* –, já que definiram que a língua utilizada, na maioria das vezes, é a norma culta. Porém, as relações entre o autor e o grupo social no qual está inserido podem refletir a forma do conteúdo.

De um modo geral, podemos perceber ao longo do capítulo que, as autoras durante a organização do LDP foram coerentes no aspecto conceito, pois definiram o gênero em estudo de forma correta; na *composição* delimitaram de maneira acertada como é composta uma notícia; *tema*, apesar de não ser um tema adequado/interessante para o público de sala de aula, o relato seguiu a linearidade do tema e o *estilo* do gênero, pois informaram o tipo da linguagem que é utilizado na produção escrita de uma notícia. Os últimos apresentaram algumas falhas, o tema por não ser adequado e o estilo – quando as autoras no último parágrafo sinalizaram que os adjetivos, embora que dispensáveis, podem ser utilizados, conforme Figura 09.

Apesar de a teoria estar relativamente boa, uma vez que definiram o gênero corretamente, a estrutura e a linguagem, escolheram exemplos equivocados, e isso não demonstra uma boa perspectiva para o ensino, pois o aluno enquanto leitor e “dependente” do LDP ficará muito confuso perante uma notícia. Caso o professor não perceba as falhas, diante da teoria exposta e dos exemplos apresentados, o aluno não será capaz de reconhecer o gênero, lendo reportagem pensando estar lendo notícia.

Dessa forma, consideramos que esse LDP é relativamente bom para ser utilizado na sala de aula. Porém, é necessário modificar os exemplos fornecidos, ou seja, pode usar essa teoria, mas deve utilizar outros exemplos, só assim o aluno conseguirá compreender. E não confundirá notícia com reportagem, que foi o que aconteceu nos exemplos fornecidos pelas autoras.

Por outro lado, no que diz respeito ao objetivo da nossa pesquisa, o LDP é satisfatório, pois o capítulo em análise reflete no ensino uma perspectiva dialógica. As autoras, apesar dos equívocos cometidos, tiveram a intenção de contemplar a análise dialógica do discurso em seu LDP, visto que, além dos objetivos delimitados no início do capítulo (Figura 01), a organização do capítulo corresponde aos objetivos e acontece de forma dialógica, ou seja, as autoras deixam claro que é importante considerar o ambiente de circulação do gênero e os possíveis interlocutores que podem ter acesso a esse gênero, considerando, assim, à interação verbal, pois segundo Bakhtin (2003), a linguagem se dá a partir da interação, e o enunciado pressupõe um ato de comunicação social.

Portanto, considerar o contexto e o interlocutor, na abordagem do gênero, ou seja, as condições de produção, vai ao encontro da teoria dialógica de Bakhtin, da ADD. Além disso, as autoras contemplaram as dimensões teóricas e analíticas dos gêneros discursivos, que são: *tema, composição e estilo*.

5.2 A reportagem no LDP em função do conceito de gênero

Continuaremos a análise do *corpus* da nossa pesquisa, o LDP, para averiguarmos como o gênero reportagem está sendo abordado, se vai de acordo com a teoria de gêneros ou não.

O LDP “Português: contexto, interação e sentido”, de Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara, traz na unidade 9 o gênero reportagem. Nela, as autoras incluem esse gênero dentro dos textos de exposição e injunção, que segundo elas são os que têm capacidade de organizar e apresentar informações de modo claro e coerente. O gênero apresentado faz parte da esfera de comunicação jornalística e foi produzido pelo repórter José Ramalho.

No capítulo 27 é abordado o gênero reportagem. Logo na primeira página, 338, as autoras deixam explícitos quais os objetivos almejados no capítulo, assim como no capítulo sobre notícia. Esses objetivos seguem uma perspectiva dialógica, pois dá ênfase às dimensões do gênero: *tema, composição e estilo*. E também considera as condições de produção do gênero. Em seguida, apresentam uma reportagem e depois nas próximas páginas uma atividade referente ao gênero apresentado.

Vejamos nas Figuras 10, 11 e 12.

FIGURA 10 – Reportagem (texto)

Capítulo

27 Reportagem

OBJETIVOS

Ao final do estudo deste capítulo, você deverá ser capaz de:

1. Reconhecer as características estruturais da **reportagem**.
2. Identificar a **finalidade** desse gênero.
3. Compreender de que modo o **contexto de circulação** e o **perfil de interlocutor** afetam a **estrutura** desse gênero.
4. Saber escolher os **recursos linguísticos** adequados à **reportagem**.
5. Reconhecer a **importância** das **fotografias** e da **iconografia** para uma **reportagem**.

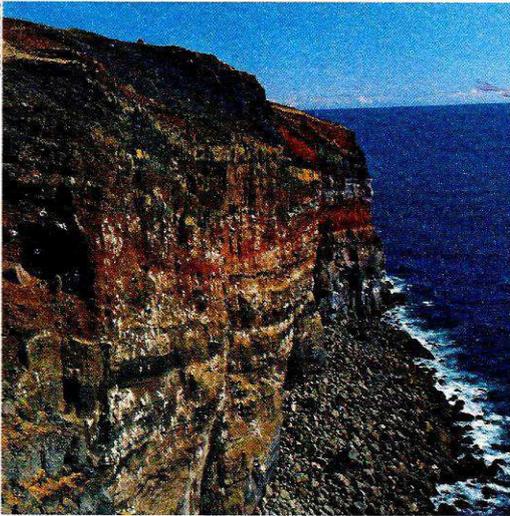
O trabalho realizado ao longo deste capítulo favorece o desenvolvimento das competências de área 1 e 9 e das habilidades H1, H2, H3, H4, H28, H29 e H30. Para identificá-las, consultar, no *Guia de recursos*, a matriz do Enem 2009.

Leitura

Além das notícias, escritas para apresentar objetivamente as informações sobre acontecimentos relevantes, jornais e revistas são o espaço para a veiculação de um outro gênero discursivo: a reportagem. Leia, abaixo, um exemplo de texto desse gênero.

Um planeta chamado Islândia

Não há nada igual a esta ilha do Ártico, tomada por geleiras, vulcões, gêiseres e uma colossal falha tectônica



Isolada no Atlântico Norte, na altura do Círculo Polar Ártico, a Islândia passa despercebida do resto do mundo. É um lugar do qual só costumamos nos lembrar quando é sacudido por alguma erupção vulcânica mais violenta — o que costuma acontecer a cada cinco anos, em média —, ou então quando a cantora Björk, sua habitante mais ilustre, comete alguma excentricidade. Os fãs de Júlio Verne também já ouviram falar desta ilha, embora a descrição que o escritor faz de sua paisagem tão peculiar leve alguns a achar que ela só existe na ficção.

O ponto de partida de *Viagem ao centro da Terra*, um dos livros de aventura mais fascinantes escritos por Júlio Verne, é uma frase dedicada à Islândia: "Desça até a cratera do Yocul de Sneffels, que a sombra do Scartari vem acariciar antes das calendas de julho, e atingirá, ó viajante audaz, o centro da Terra. O que eu fiz. Arne Saknussem". Esta era a imagem que eu fazia deste estranho país desde a juventude — um lugar cuja estranha topografia escondia o acesso às misteriosas entranhas do nosso planeta.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

11-16

348 Capítulo 27

FONTE: (ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2013, p. 348)

FIGURA 11 – Continuação da reportagem

Em seu livro, Júlio Verne descreve uma ilha árida e inóspita, embora repleta de belezas e fenômenos naturais. De fato, nenhum outro lugar reúne tantas e tão diversas manifestações da natureza como a Islândia. É possível encontrar, ao cabo de apenas um dia de viagem, gêiseres, cataratas, vulcões, geleiras, fiordes, cavernas, lagos de águas turquesas e fontes termais. Entre setembro e fevereiro, quando a noite polar é mais densa, dá até para fechar esse roteiro com a visão da magnífica aurora boreal. Seria preciso percorrer o mundo inteiro para encontrar um pouco de tudo o que existe aqui. Mas tantos fenômenos naturais assim tão próximos, espremidos num território de pouco mais de 100 mil quilômetros quadrados, área equivalente à de Pernambuco, só mesmo na Islândia. Ou em outro planeta.

A Islândia é o país mais novo da Terra, não em termos geopolíticos, mas geológicos. Tão novo que ainda está em formação. Não é exagero chamar a Islândia de um parque temático de fazer inveja ao Jurassic Park. A fauna é quase inexistente nestas latitudes, mas o viajante pode passear no tempo e ter uma aula ao vivo de como era o mundo há alguns milhões de anos.

Islândia, ou Iceland, em inglês, significa "terra do gelo", o que parece bem apropriado para um país gélido como este, em que as geleiras cobrem 12% da superfície. Mas ele também poderia se chamar Fireland, "terra do fogo", considerando que está dividido ao meio por uma falha geológica e abriga 40 vulcões ativos e mais de mil inativos (assim classificados os que não entraram em erupção no último milênio). Essa constante atividade faz com que o país, com quase um terço do território tomado por campos de lava, não pare de crescer. Ao largo da costa sul islandesa há diversas ilhotas que nasceram nas últimas décadas. O mais ativo dos vulcões, o Monte Hekla, entrou em erupção pela última vez em 2000.

Geiserland também seria um nome pertinente. A Islândia é a nação com a maior quantidade de gêiseres, os esguichos de água quente que brotam da terra quando a água das geleiras escorre para o subsolo e encontra o magma, a massa rochosa em permanente fusão abaixo da crosta terrestre. [...] As fontes térmicas também são abundantes por aqui. "Para ter uma piscina aquecida no jardim, basta cavoucar a terra", me disse um amigo islandês, meio brincando, meio a sério.

A Islândia existe devido à persistência humana. Não é todo mundo que se adapta à vida com apenas duas horas de sol no inverno, ou com meras duas horas de noite no verão. Nove meses do ano são consumidos por essa dualidade. Nos meses mais quentes, um toque de verde cobre parte do país com musgos, ervas e líquens, mas árvores robustas [...] não existem. Uma piada local diz que se você estiver perdido dentro de uma floresta islandesa, basta se levantar e ficar de pé para achar a saída.

A capital, Reykjavik, uma cidade bastante agradável e de vida noturna surpreendentemente animada, acomoda cerca de metade dos 300 mil islandeses. Mas não é isso que atrai os visitantes à Islândia. Aqui a natureza é o *show* e vale a pena reservar pelo menos três dias para poder sentir um pouco de tudo o que o país pode oferecer.

O jorro quente do gêiser Strokkur, na Islândia, 2007.



Calendas: primeiro dia de cada mês, no antigo calendário romano.

Inóspita: em que não se pode viver.

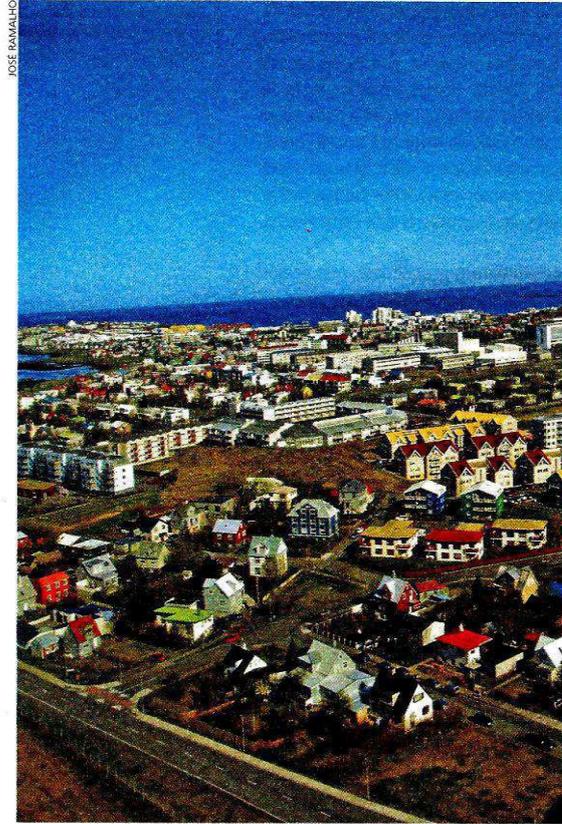
Em nome do pai

Na Islândia, sobrenome é uma raridade. Com exceção dos descendentes de 14 famílias que chegaram no primeiro navio dos colonizadores *vikings* vindos da Noruega, todos os demais usam um sistema patronímico, que adiciona o nome do pai ao nome de batismo do filho. Erik, filho de David, se chamará Erik Davidsson, enquanto a irmã dele, Maria, será Maria Daviddóttir. Simples assim.

fala do entrevistado

o vídeo interpretativa

FIGURA 12 – Continuação da reportagem



▲ Vista de Reykjavik, na Islândia, 2007.

Os vulcões da ilha são uma atração assustadora e maravilhosa. O Hekla e o Katla são os mais ativos nesse momento, liberando lava e fumaça para o deleite de cientistas e visitantes. Mesmo sobre espessas camadas de gelo, como as do Glaciar Vatnajökull, com mais de um quilômetro de espessura, surgem impressionantes crateras de fogo. Nesse embate entre forças da natureza, a cor da terra ganha os tons mais diversos. O cinza-escuro da lava endurecida é apenas uma das mais de dez cores diferentes que encontramos nas regiões com atividades vulcânicas e geotérmicas. [...]

Todas as incursões por esta terra estranha começam e terminam na capital. A primeira que fiz foi à Geleira Vatnajökull, num veículo 4x4 com pneus bem maiores do que os habituais, para poder vencer a neve. É uma viagem de aproximadamente duas horas, com muitas atrações também pelo caminho. [...]

Meu segundo dia na Islândia foi dedicado ao que se intitulou Golden Circle, um roteiro que visita num único dia a falha geológica, a Catarata Gullfoss e a região dos gêiseres e fontes termais. A falha geológica corta a ilha de norte a sul e passa a

poucos metros de Thingvellir, vilarejo a 60 quilômetros de Reykjavik onde funciona o parlamento islandês, reconhecidamente o mais antigo do mundo — fundado no ano 930 pelos vikings que chegaram à ilha a partir de 874, fugindo da tirania do rei Harald. Ao caminhar por dentro da fenda, é difícil não imaginar o que aconteceria se um tremor acontecesse naquele momento.

Geysir, o gêiser original que deu nome ao fenômeno, já se aposentou, mas o Strokkur, descendente direto dele, entretém os turistas manifestando-se a cada cinco minutos, a 100 metros do jorro antigo. Nesse local, apesar de vários avisos sobre a temperatura da água, é comum ver alguns turistas queimarem as mãos em poças d'água absolutamente transparentes. Perto dali, a Catarata Gullfoss é composta por dois saltos seguidos, como dois degraus com desnível de mais de 32 metros no Rio Hvitá. Lá é possível ficar a poucos metros da vertente e sentir a incontrolável força da natureza.

Igualmente impressionante é o sobrevoio dessa mesma região num teco-teco — duas horas saboreando os contrastes islandeses lá do alto, por 170 dólares. As geleiras Tindfjallajökull e Eyjafjallajökull, campos de lava, o vulcão Hekla, com suas fumarolas, tudo isso fica ao alcance das câmeras fotográficas a bordo do aviãozinho [...]. O retorno do voo é feito próximo ao litoral, onde a paisagem fica plana e podemos contemplar rios e estuários, onde icebergs costumam encalhar nas praias na primavera, época do degelo. [...]

RAMALHO, José. *Terra*. São Paulo: Peixes, n. 178, p. 44-45 e 52-57, fev. 2007. [Fragmento adaptado].

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O texto apresentado pelas autoras no LDP pode ser considerado uma reportagem, visto que, comparado com o QUADRO 02 das características do gênero, podemos reconhecer algumas características da reportagem, como, por exemplo, não tem caráter factual, trata-se de um assunto que ao ser explorado pode se tornar um fato. Conforme está exposto no quadro, esse gênero trabalha com a interpretação, converte fatos em assunto, traz a repercussão, o desdobramento, aprofunda. Todas essas informações é possível encontrar na reportagem apresentada do LDP “Um planeta chamado Islândia”, na qual o repórter, em suas palavras, reporta a ilha de tal forma que o leitor chega a conhecer o ambiente, pois utiliza adjetivos para descrever a ilha, a criatividade ao descrever o assunto e, assim, seduz o interlocutor. Essa é outra característica do gênero em estudo.

O repórter deixa claro que todo o relato é verdadeiro, uma vez que, ele mesmo, presenciou tudo nas viagens que fez a essa terra, como podemos perceber nesses fragmentos do texto: “*Todas as incursões por esta terra estranha começam e terminam na capital. A primeira que fiz [...] / Meu segundo dia na Islândia [...]*”. Essa é mais uma peculiaridade dos gêneros jornalísticos: relatar informações específicas de situações observadas de forma direta. Podemos perceber que o repórter da matéria aprofunda o assunto, o que torna-se característica da reportagem, contando o que aconteceu em sua viagem à Islândia, pois o repórter “José Ramalho” presenciou os fatos relatados, introduziu sua opinião sobre o acontecimento, ou melhor, sua interpretação diante do que vivenciou. Além de com suas palavras persuadir o leitor, para que ache interessante aquela reportagem e termine sua leitura, e até mesmo busque mais informações sobre esse lugar, visto que é um fragmento adaptado.

Observamos que as autoras do LDP contemplaram uma das dimensões dos gêneros – o *tema* –, pois expressa a importância social dessa terra “Islândia”, demonstrada no texto, para as pessoas que vivem lá, além de enumerar motivos para que as pessoas queiram conhecer essa terra.

Além dessas características, já citadas, outra ainda mais peculiar da reportagem é a marca pessoal das vozes dos sujeitos envolvidos, a do repórter e a dos entrevistados, para a realização da matéria. Porém, só conseguimos perceber algumas dessas características com mais de uma leitura, seria melhor outra reportagem menor, devido o fato de se tratar de um texto introdutório para o ensino do gênero. Dessa forma, o aluno teria mais facilidade em reconhecer mais rápido algumas das características.

Essa questão das vozes do outro caracteriza a dialogicidade da reportagem, uma vez que, segundo os estudos de Bakhtin, essas vozes demonstram que além do caráter constitutivo da dialogismo, há um outro que se mostra. Trata-se da incorporação da voz ou das vozes de

outro(s) no enunciado, que a unidade real de comunicação. São maneiras externas e visíveis de mostrar outras vozes no discurso⁴.

Mais uma vez percebemos (na Figura 13) que o LDP, apesar de ter algumas questões que exigem um pouco de reflexão do aluno (como na questão 01), a maioria das questões representa um exercício de localização e identificação, pois o enunciado de algumas questões já induz o aluno a procurar as respostas apenas no parágrafo indicado. Podemos fazer uma ressalva na questão 04, na qual é utilizada uma imagem que trata do mesmo assunto da reportagem, com a tentativa de fazer o aluno refletir através da relação entre a linguagem do texto e a linguagem da imagem. Ao lado das questões há uma observação, inclusa apenas no LDP do professor, afirmando que esse trabalho que envolve diferentes tipos de linguagens é algo muito valorizado na Matriz de referências do ENEM 2009. Na intenção de que o professor leve os alunos a reflexão. Vejamos a Figura 13:

⁴ Para uma melhor compreensão desse jogos de vozes de ontem, sugerimos a leitura, na íntegra, da Terceira Parte do livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, de Bakhtin e Volochínov (2009).

FIGURA 13 – Atividade e definição de reportagem

PRODUÇÃO DE TEXTO

Análise

- A finalidade do texto fica clara logo no primeiro parágrafo. Qual é ela?
 - ▶ Que elementos do primeiro parágrafo permitem identificar o objetivo do autor?
- Dado o objetivo do texto, ele deve trazer um certo tipo de informações. Que informações são essas? Exemplifique.
- Uma das estratégias utilizadas pelo autor para destacar características da Islândia é propor diferentes nomes para o país. Explique por quê.
- Na revista em que o texto foi publicado originalmente, a reportagem é introduzida por uma fotografia que ocupa duas páginas. Observe:



Um planeta chamado Islândia

Não há nada igual a esta ilha do Ártico, tomada por geleiras, vulcões, gêiseres e uma colossal falha tectônica

Por José Ramalho

Terra, São Paulo: Peixes, n. 178, fev. 2007, p. 44-45.

Atravessada por túneis naturais, a Geleira Brokajokull é apenas uma peça do imenso quebra-cabeça gelado que cobre 12 por cento da superfície da Islândia. Poderia ser a entrada para o centro da Terra, imaginada por Júlio Verne.

perguntas semelhantes definidas de acordo sobre o conteúdo

- Essa fotografia “traduz” de modo adequado algum aspecto definidor do país apresentado? Por quê?
- A presença de um homem que caminha em meio ao gelo estabelece uma relação direta com uma passagem do texto da reportagem. Que passagem é essa?
- Qual é a relação entre a imagem e a passagem do texto identificada na resposta ao item b)?

- Em diferentes trechos, percebe-se a preocupação do autor do texto em trazer, para o leitor, aspectos pitorescos do país que está sendo apresentado. Transcreva alguns desses trechos no caderno.
 - ▶ Que finalidade eles têm no texto?
- Em reportagens dessa natureza, o autor frequentemente explicita sua visão pessoal sobre aquilo que descreve. No caderno, copie do texto as passagens em que José Ramalho se manifesta sobre a Islândia.
 - ▶ Que efeito essas opiniões podem ter sobre o leitor do texto? Explique.

O trabalho com diferentes linguagens é algo muito valorizado na Matriz de referências do Enem 2009. Atividades como essa criam um contexto para que os alunos analisem o modo como a fotografia e o texto transmitem informações. Sugerimos que os alunos sejam incentivados a refletirem sobre isso.

Reportagem: definição e usos

Estamos acostumados a encontrar, em jornais e revistas, textos mais longos que trazem informações detalhadas sobre um determinado tópico. São as **reportagens**.

Tome nota

A **reportagem** é um gênero discursivo que se caracteriza por apresentar informações sobre temas específicos e por caracterizar situações e acontecimentos a partir da observação direta dos fatos. É o produto, portanto, da atividade do repórter.

Bakhtin

Reportagem 351

FONTE: (ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2013, p. 351)

Seguindo as análises, percebemos que o gênero foi conceituado na página 351, no tópico “Reportagem: definição e usos”.

Percebemos que a definição apresentada foi clara e objetiva, ou seja, o aluno conseguirá em outra situação definir o gênero reportagem, reconhecer o gênero em outro espaço que não o LDP. As autoras ainda fazem uma diferenciação entre os gêneros

jornalísticos notícia e reportagem, tendo em vista que ambos relatam fatos, e isso pode confundir o aluno na identificação do gênero. Vejamos:

FIGURA 14 – Diferença entre notícia e reportagem



Assim como a notícia, a reportagem é um gênero discursivo associado à atividade jornalística. Tem por objetivo oferecer informações mais aprofundadas sobre um determinado tópico. *O Manual de redação e estilo de O Estado de S. Paulo* destaca o caráter investigativo próprio das reportagens.

.....

A reportagem pode ser considerada a própria essência de um jornal e difere da notícia pelo conteúdo, extensão e profundidade. A notícia, de modo geral, descreve o fato e, no máximo, seus efeitos e consequências. A reportagem busca mais: partindo da própria notícia, desenvolve uma sequência investigativa que não cabe na notícia. Assim, apura não somente as origens do fato, mas suas razões e efeitos. [...] A notícia não esgota o fato; a reportagem pretende fazê-lo. Na maior parte dos casos, a reportagem decorre de uma pauta que a chefia encaminha ao repórter, mas é comum o repórter escolher um assunto e sugerir-lo aos superiores. [...]

MARTINS, Eduardo. *Manual de redação e estilo de O Estado de S. Paulo*. 3ª edição revista e ampliada. São Paulo: Moderna, 1997. p. 254.

.....

Essa definição destaca alguns dos elementos essenciais da reportagem: colher o máximo de informações sobre um fato, por meio de uma investigação mais aprofundada resultante do trabalho de um repórter.

Enquanto o texto da notícia procura ser objetivo, a reportagem admite diferentes graus de subjetividade, a depender da natureza do tópico abordado.

Uma reportagem sobre um país ou uma cidade pode ser escrita a partir de uma perspectiva mais pessoal, como no texto de abertura deste capítulo.

Já uma reportagem investigativa sobre algum escândalo político ou financeiro deverá ser escrita de modo mais objetivo, para evitar que os leitores desconsiderem os fatos e as informações apresentados, atribuindo-os às impressões ou juízos pessoais do repórter.

Há diferentes tipos de reportagem: policial, política, turística, cultural, etc.

Ver, no *Guia de recursos*, uma sugestão de

do Código Penal e Lei 9.810 de 19 de fevereiro de 1998.

FONTE: (ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2013, p. 352)

Essa diferenciação feita pelas autoras do LDP é necessária pois os alunos sentem dificuldade em diferenciar os gêneros notícia e reportagem.

Em seguida, foram apresentados fatores que, conforme o LDP, podem mudar ou afetar a estrutura da reportagem: “Contexto de circulação” e “Os interlocutores das reportagens”, como pode ser visualizado na Figura 15:

FIGURA 15 – Contexto e interlocutores

O repórter “anônimo”

A televisão tem investido, nos últimos anos, na obtenção de provas de comportamentos criminosos por meio da ação de repórteres investigativos. Um deles, Eduardo Faustini, só é conhecido por seus amigos e colegas de trabalho, já que seu rosto não pode aparecer no vídeo para não comprometer investigações futuras. Sobre os riscos da profissão, ele comenta: “Na hora H, sei que não posso errar. O leão está vindo na minha direção e eu tenho apenas uma bala. Se eu não tiver as respostas certas e prontas, eu danço, como muitos dançaram”. (Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/revista/196/paginas-negras/o-cara-sem-cara-da-globo.html>>. Acesso em: 28 nov. 2012.).

Contexto de circulação

Reportagens circulam nos espaços destinados aos textos jornalísticos e sofrem alguma alteração em sua estrutura a depender do veículo para o qual foram preparadas. Há, portanto, reportagens feitas para a televisão, para os jornais, para as revistas e para os portais da internet.

Reportagens televisivas definem-se pela necessidade de apresentar, em um espaço de tempo relativamente curto, o maior número possível de informações. As imagens que contextualizam e complementam o texto do repórter, neste caso, tornam-se muito importantes para o telespectador, porque ganham um *status* de informação equivalente às que integram o texto.

No caso das reportagens que circulam em jornais e revistas, a importância da imagem é minimizada em relação à importância do texto, já que são produzidas para serem lidas. Imagens e informações iconográficas, neste caso, costumam ilustrar aspectos específicos do que está sendo abordado no texto.

Os interlocutores das reportagens

Não se pode definir um perfil específico para os interlocutores de reportagens, porque esse perfil sempre estará vinculado ao tópico por elas abordado e ao veículo em que circularão.

Assim, interlocutores das reportagens de turismo serão, provavelmente, pessoas que gostam de viajar ou que, mesmo que não possam viajar, têm interesse em conhecer outros lugares por meio do testemunho de quem os visitou.

ver, no Guia de Recursos, uma sugestão de atividade para ajudar os alunos a refletirem sobre a importância das imagens nas reportagens televisivas.

Reprodução proibida. Art. 184 do

 **352** Capítulo 27

FONTE: (ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2013, p. 352)

Nos tópicos determinados pelo LDP como fatores que podem afetar a estrutura da reportagem, observamos, que são correspondentes às condições de produção do gênero, e foram avaliados corretamente, uma vez que, como já fora afirmado nos capítulos teóricos, os estudos bakhtinianos defendem que todo gênero atua conforme o ambiente de comunicação que estiver inserido, ou seja, o contexto de circulação, como as reportagens televisivas, nas quais o tempo é curto e o repórter deve ser breve e, por isso, utilizam o recurso das imagens, para que assim o leitor compreenda melhor, ao contrário da mídia impressa que tem mais tempo, então não utiliza muitas imagens e sim o texto escrito. E, modifica-se também devido o perfil do seu interlocutor, isto é, o possível público (leitores) que têm acesso ao gênero.

Ao prosseguirmos, encontramos o tópico “Estrutura”, junto com outro “Iconografia: informações adicionais para o leitor” que abordam a estrutura do gênero reportagem. O tópico trata do poder informativo que as imagens expressam numa reportagem, e o último o tipo de linguagem utilizada no gênero. Vejamos:

FIGURA 16 – Estrutura da reportagem

Estrutura

De modo geral, a estrutura da reportagem não é fixa. Espera-se, porém, que o parágrafo inicial tenha um caráter introdutório, para permitir que o leitor possa recuperar não só o tema abordado pelo texto, mas também o contexto em que ele se insere. Observe.

O Texas não perdoa: mata!



▲ De tijolos vermelhos são a marca registrada da Walls Unit, o centro de execuções do maior sistema carcerário da América, com mais de 150.000 prisioneiros, Texas, 1º jul. 1996.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Se a palavra tédio pudesse ser escrita de outra maneira, teria dez letras: Huntsville. É o fim do mundo. O turista que for parar nessa cidadezinha do interior do Texas terá a impressão de que bateu na porta errada. A melhor diversão disponível é uma lanchonete de *fastfood*, em que os fregueses costumam devorar seus hambúrgueres sem sequer sair do carro.

O desfile de jipes e caminhonetes gigantescas no pátio da lanchonete é como uma certidão motorizada da fartura americana. Não há carros velhos. A impressão é que também não há gente magra. Há uma obesidade cuja provável explicação se encontra nos *sundaes* de chocolate, batatas fritas e *cheeseburgers* consumidos em quantidades industriais.

O forasteiro que resolver se aventurar pelas ruas de Huntsville à noite terá a sensação de que pousou numa cidade fantasma em meio ao deserto. Onde estarão seus 40 mil habitantes?

Caso, porém, o visitante esteja interessado em temas menos prosaicos, Huntsville pode, imediatamente, se transformar num lugar fascinante. Que tal, por exemplo, a pena de morte? Ou a cadeira elétrica? Injeções letais? Cloreto de potássio? Carrascos durões? Prisões inexpugnáveis? Cercas eletrificadas? Huntsville tem tudo isso. Não à toa, os repórteres em busca de bons personagens a saúdam com uma pontada de mórbida alegria no peito.



▲ Caco Barcellos, em São Paulo, em 2009.

A preocupação com um jornal "enxuto", que apresenta essencialmente notícias já transmitidas pela televisão ou divulgadas na internet, tem feito com que alguns repórteres investigativos busquem novos espaços para divulgação do resultado de suas pesquisas. Uma delas é o **livro-reportagem**, obra que amplia os limites do jornalismo diário e procura apresentar os fatos de modo mais detalhado, sempre ancorados em cuidadoso trabalho de pesquisa. Alguns repórteres brasileiros, como é o caso de Caco Barcellos (foto), têm recebido prêmios pela publicação de obras desse gênero.

O 1º parágrafo do texto faz uma apresentação da cidadezinha de Huntsville, destacando o fato de que nada de extraordinário parece acontecer por ali.

O 2º e o 3º parágrafos expandem a imagem inicial. O texto desenvolve o tópico da *fastfood* (referida no parágrafo anterior), comentando os hábitos alimentares das pessoas locais.

O 3º parágrafo introduz uma ideia nova: o que encontrariam os forasteiros que chegassem a uma cidade como essa? É a preparação para focalizar o tema dessa reportagem: a apresentação de uma cidade conhecida pelo número de execuções de prisioneiros realizadas ali.

Fazendo uma transição textual entre a introdução e o tema da reportagem, o 4º parágrafo destaca o que há de "interessante" em Huntsville: o lugar é fascinante pela relação com a pena de morte.

Reportagem 353

FONTE: (ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2013, p. 353)

Percebemos que as autoras foram breves na conceituação da estrutura do gênero reportagem. Porém, é possível compreendê-lo, além do mais, é dado um exemplo, “O Texas não perdoa: mata!”, no qual é apresentado o que cada parágrafo representa numa reportagem, o que é muito interessante, pois, dessa forma, o aluno compreenderá melhor a *composição* do gênero.

Nesse tópico sobre a estrutura, percebemos que as autoras contemplaram uma das dimensões do gênero – a *composição* –, uma vez que determina a forma da organização dos elementos estruturais da língua dentro do texto.

No tópico “Iconografia: informações adicionais para o leitor”, percebemos que as autoras tiveram a preocupação de passar para os leitores, usuários do LDP, como é importante

a linguagem utilizada nas imagens, fotos, gráficos, entre outros que complementam o texto de uma reportagem. Utilizam alguns infográficos, os quais demonstram que para alguns leitores esse tipo de reportagem é mais interessante, menos cansativa, pois a quantidade de texto é menor, como podemos verificar na próxima figura.

FIGURA 17 – Iconografia

▪ **Iconografia: informações adicionais para o leitor**

Revistas e jornais exploram o poder informativo de imagens, gráficos, tabelas, infográficos e fotos para complementar o texto das reportagens que publicam.

Em um texto que discute o crescimento de uma montadora de carros japonesa, por exemplo, podemos encontrar desde um infográfico que destaca os atrativos de um carro "ecológico", até um quadro comparativo das vendas globais de carros com dados relativos aos três principais fabricantes de automóveis do mundo.

Observe.



FONTE: (ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2013, p. 354)

Dessa forma, o aluno será conduzido para o ambiente da leitura e da reflexão de outro tipo de linguagem, diferente da escrita, ou seja, será capaz de relacionar texto e imagem para obter informações.

A variação do *estilo* de linguagem utilizado seja escrita, ou não, expressa uma característica da reportagem, diferentemente da notícia que não pode ser representada apenas por uma imagem.

FIGURA 18 – Linguagem da reportagem

PRODUÇÃO DE TEXTO



Acompanhe, agora, o quadro comparativo.



Época Negócios. São Paulo: Globo, n. 2, p. 108, abr. 2007.

Para o leitor, além de tornar mais agradável a apresentação geral da reportagem, diminuindo a “massa” de texto, as imagens também ajudam a focalizar algumas informações importantes.

No caso apresentado, por exemplo, o infográfico destaca as características que fizeram com que as pessoas preocupadas com o nível de poluição gerada pelos automóveis se interessassem por esse modelo.

O quadro comparativo das vendas globais resume, em números bastante expressivos, o crescimento da montadora japonesa, que está, segundo afirma o texto da reportagem, “prestes a quebrar uma hegemonia histórica” e, pela primeira vez nos últimos 100 anos, passar à frente das montadoras americanas no mercado de carros.

Linguagem

Como acontece em outros textos jornalísticos, espera-se que a linguagem utilizada na reportagem seja adequada à norma culta. O grau de formalidade, porém, vai variar de acordo com o estilo da publicação e com o veículo em que o texto for circular.

Uma reportagem feita para ser apresentada em um programa televisivo de variedades, por exemplo, admite um grau de informalidade maior do que o de um texto escrito para publicação em uma revista semanal ou em um jornal de circulação nacional.

Outro aspecto característico da linguagem das reportagens é a presença, no texto, de diferentes vozes. Essas vozes representam as pessoas envolvidas na questão central e que foram entrevistadas pelo repórter durante a fase de apuração dos dados. Observe.

Discurso do entrevistado
Balthazar

Reportagem 355



FONTE: (ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2013, p. 355)

No último tópico “Linguagem”, as autoras afirmam que a linguagem utilizada na reportagem normalmente é o português culto, mas pode variar de acordo com o contexto de circulação e o público ao qual a reportagem está destinada, aqui fica claro outra dimensão do gênero – o *estilo* – que reflete a forma escrita do conteúdo.

Os estudos bakhtinianos revelam que existem muitas formas de linguagem, isso ocorre devido à diversidade da experiência social, isto é, à presença de elementos extralinguísticos ligados a produção verbal que imprimem à linguagem um caráter de produto não acabado, vivo, em constante mutação, de acordo com o contexto em que é utilizada.

O fato de a linguagem variar reforça ainda mais o fato de que qualquer gênero pode mudar seu *tema*, sua *composição* e seu *estilo* de acordo com o ambiente no qual o gênero irá circular, e também do público alvo.

As autoras apresentam que é muito comum perceber a fala de outras pessoas, além do repórter, dentro do texto, pois é uma característica do gênero reportagem, a presença de *vozes* na linguagem, que são as “vozes” dos entrevistados – como mostra a Figura 19.

FIGURA 19 – Continuação da linguagem

Estratégias expositivas

→ **Citação: atribuição de autoria**

Um recurso utilizado com frequência em textos jornalísticos é a **citação**. Por meio de aspas (“ ”), que marcam o início e o fim da fala de alguém, o autor do texto deixa claro para o leitor que as informações e/ou opiniões apresentadas em passagens aspeadas não são de sua autoria. Esse recurso é utilizado também em textos narrativos e argumentativos, porém com função diferente.

No caso dos textos expositivos, as citações cumprem uma função importante: evitar que o jornalista que escreveu uma determinada matéria seja visto como o responsável pela emissão de certas opiniões ou pela defesa de um dado ponto de vista. O uso das aspas para marcar o início e o fim da fala de alguém torna-se um mecanismo essencial na separação entre aquilo que é texto de autoria (e, portanto, de responsabilidade) do jornalista e o que é a fala de alguém por ele entrevistado (ou de quem ele decide citar) a respeito do assunto abordado no texto.



ELIAS GUZZELLI

Bistrô favela

Simplicidade e sabor. Essas são as principais marcas dos lugares e das comidas que se comem nas periferias, favelas e bairros populares das capitais brasileiras. O tempero especial, o carinho, o cuidado dos donos e os ingredientes são elementos que contribuem para a produção de uma comida especial, brasileira, carregada no sabor e, aos olhos de muitos, pesada. [...]

Nordeste na Holanda (RJ). Nova Holanda é uma das favelas do Complexo da Maré, que tem, no total, 18 favelas. À beira da avenida Brasil, uma das portas de entrada do Rio de Janeiro, Nova Holanda, como várias outras no Rio e São Paulo, é uma favela cheia de nordestinos, principalmente da Paraíba. “Aqui é quase uma colônia de Serra Branca”, informa Elionalva, a Nalva, do Observatório de Favelas, ONG instalada na favela. A própria Nalva é da cidade paraibana de Serra Branca, como a Galega, dona do bar-restaurante mais movimentado do lugar.

Rejane de Souza Barreto, a Galega, tem 41 anos e está ali há 20. Quando chegou, olhou para um lado, pro outro, viu aquela quantidade enorme de gente da sua região e quatro anos depois abria o seu bar, que logo ficaria famoso pela qualidade e quantidade de comida servida com aquele sabor todo especial do Nordeste.

“O bode, a buchada, os pratos preferidos dos clientes, como a carne de sol, a macaxeira, o jerimum e o feijão, claro, não podem faltar”, explica Galega. Mas quando a buchada falta, ela prepara para convidados especiais um guisadinho feito com os miúdos do bode, ingredientes da buchada. Um *must*.

JUNIOR, Chico. *Trip*. São Paulo, ano 20, n. 153, p. 106-109, mar. 2007. (Fragmento).

As vozes dos entrevistados podem aparecer, no texto, de duas formas. Transcritas literalmente, na forma do discurso direto, como exemplificado acima. Ou como discurso indireto, incorporadas ao texto do repórter. O importante, em qualquer um dos casos, é sempre atribuir a fala citada a seu autor.



356 Capítulo 27

FONTE: (ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2013, p. 356)

Essa questão das vozes, como já fora dito antes, tem caráter dialógico e trata-se da incorporação da voz ou das vozes de outro(s) no enunciado, que é a unidade real de comunicação. São maneiras externas e visíveis de mostrar outras vozes no discurso.

O quadrinho que inicia a página aborda uma estratégia dos textos expositivos, a citação, algo muito recorrente numa reportagem, um recurso utilizado para dar autoria à fala de outra pessoa dentro do texto, ou seja, reconhecimento de autoria como diz a próprias autoras do LDP. E isso é notável através do uso das aspas [“ ”] que aparecem sempre no início e no final da fala de alguém. As autoras demonstram essa característica a partir do exemplo de uma reportagem, “Bistrô favela”, de Chico Júnior, na qual está destacado para que o aluno identifique de forma mais rápida.

De um modo geral, podemos perceber ao longo do capítulo que as autoras durante a organização do LDP foram coerentes no aspecto conceito, na *composição* foram adequadas; o *tema* seguiu sem sentido, conforme a análise do capítulo que tratou do gênero notícia; e o *estilo* do gênero foi especificada qual a linguagem que pode ser utilizada na escrita de uma reportagem. Apenas uma ressalva para o tamanho da reportagem: consideramos grande para um texto introdutório. Logo, podemos definir esse LDP relativamente bom para ser utilizado na sala de aula.

Quanto à organização do LDP, nos dois capítulos de gêneros notícia e reportagem observamos uma relação com a teoria de gênero de Bakhtin. No tocante a ADD, percebemos menções das autoras aos estudos bakhtinianos, uma vez que o termo “gêneros discursivos”, por exemplo, além de deixar claro que o contexto de circulação e os possíveis leitores – interlocutores – podem afetar as dimensões teóricas e analíticas: o *tema*, a *composição* e o *estilo* da notícia e da reportagem a ser publicada. O que demonstra que as autoras tiveram a intenção de contemplar no ensino desses gêneros a perspectiva dialógica da linguagem.

Outro dado importante: também encontramos na teoria de Bakhtin e no LDP a concepção de que a linguagem é a forma de interação social, ou seja, um modo de comunicação (oral e escrita) entre os seres humanos, que acontece em meio a uma situação social e essa linguagem funciona de diferentes formas, ou seja, pode variar conforme o ambiente e o sujeito leitor, a partir da interação entre autor e interlocutor.

A partir desse momento, analisaremos se os gêneros notícia e reportagem foram abordados no LDP de forma a atender as necessidades do ensino, isto é, de que forma essa abordagem contribui para o ensino de escrita dos referidos gêneros.

5.3 A notícia e a reportagem no LDP em função da escrita

No final dos capítulos sobre os gêneros notícia, nas páginas 345 e 346, e de reportagem, na página 357, há uma seção dedicada para o momento da produção escrita dos gêneros. Após todas as informações fornecidas ao longo dos capítulos, as autoras vêm solicitar a aprendizagem do que foi exposto.

Trata-se do momento da produção do gênero, intitulado “Fatos do mundo real: a produção de notícia/reportagem”, dividido em três etapas: 1. Pesquisa e análise de dados – um exemplo de matéria a ser explorada e produzir uma notícia/reportagem; 2. Elaboração – passos a serem seguidos e perguntas a serem respondidas durante a produção; e 3. Reescrita do texto – após a correção do professor, o aluno tentará reescrever o seu texto.

Com relação à notícia, as autoras solicitam que no ato da elaboração os alunos devem lembrar-se do *lead* e que, este apareça nos primeiros parágrafos e traga informações essenciais para o leitor. Cometem um equívoco ao afirmarem que quando os alunos forem incluir comentários especialistas usarem as aspas, o que comprova que mais uma vez as autoras confundem algumas características dos gêneros notícia e reportagem, pois se solicita a produção de uma notícia, não pode haver opinião dentro do texto: assim seria uma reportagem e não uma notícia.

Há uma observação para o professor, requerendo que no momento da correção dos textos produzidos pelos alunos, é importante avaliar se eles foram capazes de atentar para as características peculiares do gênero, as quais foram estudadas ao longo do capítulo, como *tema, composição e estilo*, além de considerar o contexto no qual irá circular seu texto e os possíveis leitores. Recomendamos que os alunos sejam breves, claros e objetivos em suas produções. Como mostram as Figuras 20, 21 e 22:

FIGURA 20 – Produção da notícia

PRODUÇÃO DE TEXTO

Fatos do mundo real: produção de notícia

1. Pesquisa e análise de dados

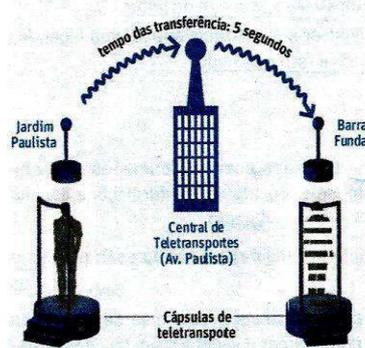
O jornal *Folha de S.Paulo*, em sua edição comemorativa de 90 anos, publicou uma série de manchetes indicadas por seus leitores como possíveis notícias reais que aconteceriam em 2101. Observe algumas delas:

TRANSPORTE

Enquanto Estado vê com bons olhos investimento no teletransporte, que atinge poucos usuários, prefeitura continua priorizando metrô Cotidiano

COMO FUNCIONA O TELETRANSPORTE

Passo a passo da operação



Brasil continua com melhor IDH do mundo

País repete desempenho das últimas quatro décadas na lista da ONU

Vacina contra aids chega agora ao continente europeu

Número de habitantes na Lua já supera a casa dos 10 milhões

Saúde Universo

METRÔ DE SÃO PAULO SUPERA XANGAI

Em quilômetros

São Paulo		2.315
Xangai		2.275
Nova York		1.700
Londres		950
Paris		745

jornal cabeça

Entenda como vai funcionar a edição da *Folha* transmitida por um neurotransmissor. Produto já está a venda na Folha.com



☛ Série de manchetes publicadas na edição comemorativa dos 90 anos do jornal *Folha de S.Paulo*.

Notícia 345

FONTE: (ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2013, p. 345)

FIGURA 21 – Continuação da produção

Imagine que, em 2101, você esteja trabalhando em um jornal de grande circulação e que algumas das manchetes imaginadas pelos leitores da *Folha de S.Paulo* tenham mesmo se tornado reais.

Em uma reunião de pauta, em que os fatos relacionados às manchetes apresentadas são selecionados para matérias que circularão na próxima edição do jornal, o editor chefe dá a você a tarefa de escrever o texto de uma dessas notícias.

Escolha **apenas uma** das manchetes fictícias divulgadas pelo jornal para escrever o seu texto.

Crie os detalhes da notícia, apresentando fatos e informações coerentes com a manchete escolhida. Lembre-se de que o texto da sua notícia deverá oferecer ao leitor as informações básicas sobre o acontecimento escolhido (os dados que compõem o lide). Se julgar relevante, imagine depoimentos de especialistas sobre a importância de tal acontecimento para o século XXII e incorpore-os ao seu texto.

Trabalhe com o perfil de um interlocutor universal, já que os acontecimentos que devem dar origem às notícias são todos de natureza mais geral e, por sua importância para a história, provavelmente chamariam a atenção de leitores de perfis diferentes.

Dê um título à sua notícia que atraia a atenção do leitor.

Escolha uma imagem para ilustrar a sua notícia e faça uma legenda que explique a relação entre imagem e fato noticiado.

2. Elaboração

- ▶ Lembre-se de que o lide deve aparecer nos primeiros períodos do texto e apresentar, de modo claro, algumas informações essenciais para o leitor. *leitura*
- ▶ Garanta que o texto da notícia redigida por você apresente a estrutura da pirâmide invertida. *com pé na base*
- ▶ Ao incluir comentários de especialistas, lembre-se de fazer corretamente o uso das aspas para marcar o início e o fim da citação da fala de alguém.
- ▶ Os textos jornalísticos devem ser escritos de acordo com as normas urbanas de prestígio. Evite, portanto, o uso de estruturas típicas da oralidade. *estilo*
- ▶ Se for necessário, volte ao Capítulo 23 e consulte as informações ali apresentadas sobre o perfil do interlocutor universal.

3. Reescrita do texto

Releia o texto da sua notícia. Confira as informações apresentadas e veja se ficou claro, no lide, quem fez o quê, quando, como e por quê. Verifique também se o texto deixa clara a importância do acontecimento apresentado para o século XXII. Por fim, lembre-se da recomendação do jornalista Ricardo Noblat: "Vocês têm só uma bala na agulha para capturar a atenção dos leitores: as primeiras linhas de um texto. Se elas não forem capazes de despertar interesse, tchau e bênção". É possível melhorar o início da sua notícia, de modo a tornar o texto mais atraente para o leitor? Faça isso. *tema*

No momento de corrigir os textos, é preciso garantir que os alunos souberam apresentar, nos períodos iniciais, as informações necessárias para constituir o lide da matéria. Além disso, também se deve verificar se o texto foi redigido de modo claro e objetivo. O texto da notícia deve informar as circunstâncias em que teriam ocorrido os fatos "futuros" sugeridos. Caso o aluno tenha optado por incluir a opinião de especialistas a respeito da importância do fato que escolheu como objeto de suas notícias, o professor deve verificar se essa opinião é verossímil. Como se trata de manchetes fictícias, os alunos deverão criar as informações que julgarem pertinentes para a manchete escolhida. A avaliação dessa criação deve se basear na coerência interna do texto, uma vez que, na realidade presente, nenhum dos fatos apresentados nas supostas manchetes do jornal poderia ter ocorrido. Deve-se observar, ainda, se o aluno foi capaz de trabalhar com um perfil de interlocutor genérico, como se espera que aconteça na produção de notícias de interesse geral.

FIGURA 22 – Produção da reportagem

Fatos do mundo real: a produção de reportagem

1. Pesquisa e análise de dados

A publicação da notícia abaixo despertou grande interesse nos leitores de um jornal:

Lenda urbana causa alvoroço na cidade

Bebê recém-nascido que fala teria alertado sobre possível tragédia na Festa do Peão este ano

Uma lenda urbana vem causando alvoroço em Indaiatuba. A dúvida, que gerou preocupação à população, é quanto a uma história que surgiu sobre um bebê recém-nascido, que teria anunciado que uma possível tragédia ocorreria na Festa do Peão de Indaiatuba.

Nas últimas semanas, o boato ganhou grandes proporções nos quatro cantos da cidade. Segundo informações, uma mulher teria dado à luz um bebê no Hospital Augusto de Oliveira Camargo (Haoc), mas a mãe não teria resistido e acabou falecendo.

A história conta ainda que uma enfermeira do hospital teria carregado a criança no colo e exclamado: "Que bebê feio!". Com o comentário da mulher, a criança, de forma misteriosa, respondeu ao "insulto": "Feio é o que vai acontecer na Festa do Peão deste ano".

A lenda urbana foi passada de boca em boca e causou dúvida na população, até porque cada pessoa contava a história do seu jeito. [...]

Disponível em: <<http://www.tribunadeindaiatuba.com.br/noticias/cidade/4731-lenda-urbana-causa-alvoroço-na-cidade.html>>. [Fragmento]. Acesso em: 28 out. 2012.

O jornal onde a notícia foi veiculada recebeu inúmeras cartas de leitores, interessados em saber mais sobre as lendas urbanas. Foi decidido, então, que seria feita uma reportagem, a ser publicada em um caderno destinado ao público adolescente, para informar sobre as lendas urbanas e apresentar as mais conhecidas delas.

Sua tarefa será escrever o texto dessa reportagem, que deverá abordar as principais lendas urbanas: Gangue do Palhaço, Bonecos Assassinos, Homem do Saco, Loira do Banheiro.

No momento de corrigir os textos, é importante avaliar se os alunos foram capazes de definir o que são as lendas urbanas (histórias geralmente associadas a temas fantásticos, de terror, com certo teor trágico e alguns absurdos, além, é claro, de serem histórias comuns dos centros urbanos) e explicar como elas se disseminam (as histórias se espalham através do boca a boca, algumas são reforçadas pela imprensa ou por programas sensacionalistas que as repetem, etc.). Os alunos podem aproveitar como exemplos as lendas urbanas citadas na proposta, além de outras de que tiverem conhecimento. A estrutura da reportagem a ser analisada deve levar em consideração, além da objetividade obrigatória nesse gênero discursivo, a existência das ilustrações solicitadas nas instruções. Dada a natureza do tema da reportagem, admite-se uma certa informalidade da linguagem, para garantir o interesse do leitor preferencial: o público adolescente.

A internet pode ser uma ferramenta útil na obtenção de informações sobre as lendas urbanas. Lembre-se de que você deverá explicar o que define uma lenda urbana e o que a torna conhecida; resgatar alguma lenda urbana mais antiga, que ainda seja objeto dos comentários de moradores de alguma região brasileira; apresentar, resumidamente, a história das mais conhecidas.

As ilustrações são importantes nesse gênero textual. Escolha algumas que possam complementar seu texto. Defina um título e um olho que despertem o interesse do leitor.

2. Elaboração

- ▶ Organize as informações obtidas durante a pesquisa e defina o foco do seu texto: qual será o aspecto principal a ser destacado sobre as lendas urbanas?
- ▶ Ponha-se no lugar dos adolescentes. O que eles precisam saber sobre as lendas urbanas? Por quê?
- ▶ Lembre-se de que o primeiro parágrafo de um texto jornalístico é muito importante para capturar o interesse do leitor.
- ▶ Você pode, em suas pesquisas, ter obtido testemunhos interessantes ou curiosos sobre como as lendas urbanas marcaram a história de algumas pessoas: decida quais deverão ser citados no texto.
- ▶ Organize o material iconográfico e escolha as imagens que poderão acrescentar informações ao texto e ilustrar aspectos essenciais relacionados ao tema da reportagem.

3. Reescrita do texto

Quando sua reportagem estiver pronta, peça a algum vizinho ou membro adolescente de sua família que leia o texto. Peça que essa pessoa faça comentários sobre os aspectos da reportagem que julgou menos esclarecedores ou interessantes.

Releia o seu texto, reescreva-o e faça as alterações necessárias para resolver os problemas apontados.

É possível percebermos que as autoras desse LDP tiveram a preocupação de trabalhar os gêneros notícia e reportagem considerando as dimensões teóricas e analíticas – *tema, composição e estilo*. Isso ocorreu dentro dos tópicos sobre definição, estrutura e linguagem.

Nos tópicos de “Definição” - quando esclarecem que tipo de acontecimento pode ou não se tornar uma notícia ou uma reportagem -, nos de “Estrutura” - quando deixam claro o que compõe o gênero, a ordem de onde deve ficar cada informação, em qual parágrafo, que função tem o título ou um subtítulo, enfim, como vai ser estruturado o corpo do texto - e nos de “Linguagem” - quando demonstram qual o tipo de linguagem utilizado para escrever uma notícia e uma reportagem, se formal ou informal, o uso das aspas, a localização da voz do outro, ou seja, a voz do jornalista ou do entrevistado, no caso da reportagem.

Também são enfatizadas, as causas que podem levar o gênero a se modificar, que são o ambiente de circulação e o perfil do leitor. Assim, são apresentados alguns procedimentos que ajudarão o aluno, segundo as autoras, a conquistar a condição de reconhecer o gênero, no tocante às suas dimensões – *tema, composição e estilo* –, adquirindo, assim, a capacidade de produzir uma notícia ou uma reportagem. De acordo com nossa análise empreendida neste trabalho, fica nítida a necessidade de antes corrigir algumas falhas do LDP, sobretudo, o conceito do gênero notícia.

Como dito no parágrafo anterior, evidenciamos algumas falhas na exemplificação da teoria do gênero notícia, o que causaria dúvidas ao aluno. Portanto, acreditamos que seja necessário que o professor verifique esses equívocos, cometidos pelas autoras do texto, e ao mesmo tempo procure levar para a sala de aula outros exemplos para melhor compreensão da teoria. Assim, o aluno será capaz de reconhecer uma notícia, tanto no ambiente escolar, como em qualquer outra situação social, como, por exemplo, no jornal impresso, na televisão, na internet. E, além de reconhecer também seria capaz de produzir uma notícia, que é a produção solicitada no LDP, a produção de uma notícia.

Acreditamos que, segundo o andamento do LDP, no capítulo 27 do LDP sobre reportagem, é possível que o aluno seja capaz de reconhecer e identificar uma reportagem. A definição do gênero, da estrutura e da linguagem que deve ser utilizada foram abordadas de maneira adequada e, portanto, o aluno seria capaz de reconhecer o gênero em outras situações, além do LDP, como também de produzir um texto dentro desse gênero, ou seja, uma reportagem.

Entretanto, as atividades expostas nas seções intituladas de “Análise” não são as melhores para serem utilizadas para ensino dos gêneros, e isso pode prejudicar o aluno, uma vez que não o faz analisar e refletir de maneira adequada, e ao se deparar com outras

atividades mais bem elaboradas sentirá dificuldade para respondê-las. No que diz respeito ao ensino dos gêneros notícia e reportagem, essas atividades não são adequadas, uma vez que se trata de meros exercícios de localização e identificação, levando o aluno a realizar apenas decodificação do texto, e não de compreensão e reflexão do gênero. A nosso ver, as questões não são adequadas, pois não propiciam ao aluno a aprendizagem, a compreensão do gênero reportagem. Portanto, o aluno não será um sujeito crítico reflexivo, mas sim um decodificador da leitura sobre esse gênero e, provavelmente, também de outros gêneros, se assim for feita as atividades de análise do gênero.

De um modo geral, consideramos esse LDP relativamente bom, no tocante a teoria, que realmente fora bem abordada. As autoras não negam a proposta do ensino através do gênero, pois em capítulos desse LDP anteriores a esses analisados, relatam a teoria dos gêneros do discurso que pertence a Bakhtin. Logo, nos capítulos escolhidos para análise não seriam diferentes, uma vez que em várias partes dos textos percebemos sinais da teoria de gêneros proposta por Bakhtin. Entretanto, faz-se necessário que o professor procure outros exemplos para melhor compreensão dos alunos, visto que os fornecidos pelas autoras não são suficientes.

Isso comprova que o professor não pode se “agarrar” ao LDP como única fonte de conhecimento. Faz-se necessário que ele atualize-se, investigue se as informações apresentadas em seu material de trabalho são verdadeiras ou não. Caso contrário, passará as informações erradas para o aluno, o qual será prejudicado na escola, e conseqüentemente em demais ambientes sociais, pois o sujeito tem acesso ao LDP como sua única fonte de informação, ou pelo menos a mais acessível.

No tocante ao objetivo da nossa pesquisa, observamos que a atividade de produção textual, proposta pelas autoras do LDP, corresponde com o ensino através de uma perspectiva dialógica, uma vez que, no comando de cada atividade, as autoras deixam claro que para a produção da notícia e da reportagem é necessário considerar o perfil dos possíveis leitores da produção do aluno; relembra a importância de definir bem o assunto e a relevância do mesmo; relembra a importância da estrutura do texto; e da forma como deve acontecer a escrita do texto, o que, respectivamente, corresponde ao *tema*, *composição* e *estilo*: dimensões teóricas e analíticas dos gêneros discursivos à luz da ADD.

Terminado o capítulo de análises, finalizamos a pesquisa com as nossas considerações finais, levando em consideração tudo que foi visto no trabalho e atentando para os nossos objetivos no início dessa investigação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa pesquisa intitulada *Os gêneros notícia e reportagem no livro didático de português: por uma perspectiva dialógica* teve como embasamento teórico a Teoria dos gêneros discursivos proposta por Bakhtin, além da Historicidade do Livro Didático no nosso país.

Revisamos alguns autores envolvidos nessa temática, como Bakhtin (2010), Sobral (2009), Xavier (2010), Patriota (2011), Pena (2008), Fiorin (2008), dentre outros. Levamos em consideração as contribuições dos autores na tentativa de realizar nossa pesquisa.

Em nossas análises constatamos que a abordagem dos gêneros notícia e reportagem no LDP foi realizada de maneira adequada, no que diz respeito à definição dos gêneros, e também quanto às dimensões teóricas e analíticas – *tema, composição e estilo*, nos tópicos de definição dos gêneros, no de estrutura, e no de linguagem. A organização dos capítulos de notícia e reportagem vai ao encontro da ADD, pois as autoras definem as dimensões por meio dos tópicos, que tipo de fato pode virar uma notícia ou reportagem, como se organiza a composição/estrutura do texto, e qual o tipo de linguagem que deve ser utilizado no texto. Além, de fazer menção ao tipo de discurso, quando aborda a questões das vozes, do discurso do outro na reportagem: característica peculiar de um texto dialógico, pois demonstra a interação que ocorre dentro/fora do texto.

No entanto, verificamos que ocorreram no LDP algumas falhas de exemplificação e atividades de análise referentes aos gêneros. Por exemplo, o texto utilizado para iniciar o capítulo sobre notícia não é uma notícia, uma vez que não está de acordo com algumas características do gênero, pois não tem caráter factual, não relata de forma clara e objetiva, ou seja, utiliza metáforas e adjetivos, e há no texto a marca da fala de um entrevistado, características essas que pertencem ao gênero reportagem e não a notícia. Já no capítulo sobre reportagem, o texto utilizado é uma reportagem, porém acreditamos que para uma boa abordagem deveriam utilizar outro texto que melhor expressasse as características do gênero, ou que fosse menor, pois o fato de ser um texto introdutório para o ensino do gênero, sendo grande torna-se cansativo. Então, apesar de contemplar algumas características peculiares da reportagem, definidas no capítulo de análise do *corpus*, seria melhor, a nosso ver, outra reportagem. Portanto, a abordagem realizada no LDP não está totalmente adequada para a sala de aula. Nesse sentido, o professor deve ficar atento às falhas do material que tem em mãos, para não dificultar o processo de ensino-aprendizagem e promover conflitos conceituais e aplicados sobre os gêneros utilizados e didatizados no espaço escolar.

Logo, podemos concluir que há uma grande confusão, por parte das autoras, no momento de diferenciar um fato quando notícia, ou quando reportagem, e por não conseguirem fazer essa diferença, acabam sendo equivocadas ao elencar alguns exemplos para os respectivos gêneros. Trata-se do conhecido “efeito dominó”: se inicio com problemas um trabalho, provavelmente, isso trará consequências para o desenrolar deste trabalho. Foi o verificado no capítulo que abordou, sobretudo, a notícia: enquanto o conceito está adequado, o exemplo/modelo para apreensão do gênero, está equivocado.

Na seção de atividade, segundo o LDP de “Análise”, de ambos os capítulos, constatamos falhas que prejudicam o desenvolvimento do aluno, uma vez que se trata de exercícios de localização e de identificação. Portanto, no tocante ao ensino dos gêneros esses exercícios não são adequados, pois não possibilitam aos alunos à reflexão. Sendo assim, não será um sujeito crítico reflexivo, e se caso conseguir reconhecer o gênero será com dificuldade devido às falhas nos capítulos de ambos os gêneros, e essa dificuldade estará presente tanto no ambiente escolar como fora dele.

Verificamos, assim, que caberá ao professor buscar outra fonte de informação e trazer para a sala de aula, para, dessa forma, o aluno conseguir compreender amplamente o estudo dos gêneros, tanto no ambiente escolar, como no social, ou seja, que o aluno aprenda para o uso, as atividades e exigências escolares, mas também que possa ultrapassar esse ambiente e utilizar sua aprendizagem, seu conhecimento, frente a outras situações sociais.

Apesar de algumas falhas cometidas, no tocante as abordagens dos gêneros, devido os exemplos equivocados do gênero notícia, e principalmente nas atividades de análise da notícia e reportagem, podemos afirmar que houve um avanço considerável nesse LDP, pois na maioria das vezes encontramos livros didáticos que abordam, no ensino de gêneros, atividades com exercícios de língua, ou seja, trabalha gramática ao invés de trabalhar o gênero, e esse que escolhemos como *corpus* da nossa pesquisa não cometeu esse absurdo. Pelo contrário, as autoras nos capítulos dos gêneros notícia e reportagem destacaram a importância de relacionar linguagem, ambiente social e sujeito leitor, para que haja informação, comunicação.

A exemplo temos a seção de produção textual que, apesar de algumas falhas, as autoras contemplam as dimensões do gêneros no comando de cada atividade e deixam claro que para a produção da notícia e da reportagem é necessário considerar o perfil dos possíveis leitores da produção do aluno; lembram a importância de definir bem o assunto e a relevância do mesmo; lembram, também, a relevância da estrutura do texto; e da forma como deve acontecer a escrita do texto, o que, respectivamente, corresponde ao *tema*,

composição e estilo, que são as dimensões teóricas e analíticas dos gêneros discursivos, demonstrando que deve ter interação entre o autor e o interlocutor do texto.

Esse processo de interação torna-se importante tanto nas relações humanas, quanto nas de ensino-aprendizagem, afinal, ambas são situações de comunicação/interação que acontecem através do uso da linguagem. O ensino de língua não deve permanecer preso às estruturas, formas, e sim a partir da interação entre professor/aluno/sociedade, ou seja, o professor que é o mediador do conhecimento pode em sua prática de ensino-aprendizagem, inserir a interação entre as diversidades presentes no meio social – eis o princípio pedagógico do dialogismo bakhtiniano!

A função socializadora da escola remete a dois aspectos: o desenvolvimento individual e o contexto social e cultural, de forma que não há desenvolvimento individual possível à margem da sociedade, da cultura. Os processos de diferenciação na construção de uma identidade pessoal e os processos de socialização que conduzem a padrões de identidade coletiva constituem, na verdade, as duas faces de um mesmo processo. Portanto, há necessidade de que os conteúdos escolares ministrados estejam em consonância com as questões sociais que marcam a sociedade na qual o aluno está inserido, na tentativa de fornecer a ele elementos para a formulação de um pensamento crítico em relação aos conteúdos ensinados – eis o papel dos livros didáticos neste contexto!

Portanto, faz-se necessário que o professor atualize-se nos determinados conteúdos abordados em seu material de trabalho, o LDP, e não deixe de pesquisar, buscar outras fontes de informação, ou seja, não conceitue o livro como a única fonte de ensino, nem, tampouco, como a verdade absoluta, isto é, não considerar que o conteúdo exposto no livro didático é totalmente adequado para ser utilizado na sala de aula, caso contrário poderá induzir o aluno ao equívoco – eis o que acreditamos ter sido a significativa contribuição desta pesquisa para o contexto da formação de professores de Língua Portuguesa!

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza; ABAURRE, Maria Bernadete; PONTARA, Marcela. **Português: contexto, interlocução e sentido**. 1º Ano Ensino Médio. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2013.

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. A estrutura do enunciado. In: *Questões de literatura e de estética: teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernadini *et al.* 6 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

_____; _____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BATISTA, Antonio Augusto Gomes. A avaliação dos livros didáticos: para entender o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). In: ROJO, Roxane; BATISTA, Antonio Augusto Gomes. (Orgs). **Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita**. Campinas - SP: Mercado de Letras, 2003, p. 25-67.

BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. 2. ed. Campinas - SP: UNICAMP, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, 1997.

BUENO, Luzia. **Os gêneros jornalísticos e os livros didáticos**. Campinas - SP: Mercado de Letras, 2011.

BUNZEN, Clecio. **Dinâmicas discursivas nas aulas de português: os usos do livro didático e projetos didáticos autorais**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudo da Linguagem. UNICAMP, 2009.

DAMIANOVIC, Maria Cristina (Org.). **Material Didático: Elaboração e Avaliação**. Taubaté - SP: Cabral, 2007.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas - SP: Alínea, 2001.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1993.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas** / 10. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PATRIOTA, Luciene Maria. **A tradição discursiva livro didático de português: mudanças e permanências ao longo dos séculos XX e XXI**. Tese (Doutorado em Linguística). UFPB, 2011.

- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- ROJO, Roxane. Materiais didáticos no ensino de Línguas. In: MOITA LOPES, Luís Paulo. (Org.). **Linguística aplicada na modernidade recente: Fischi pau ataleni**. São Paulo: Parábola, 2013, p. 163-195.
- SANTOS, Cícero Gabriel dos. **Livro didático de português: da proposta teórico-metodológica às adaptações no ensino da escrita**. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino). UFCG, 2009.
- SILVA, Amanda Sudério. **A perspectiva dialógica da linguagem e o ensino de língua: o gênero tira em livros didáticos de português**. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa). UEPB, 2014.
- SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin**. Campinas - SP: Mercado de Letras, 2009.
- XAVIER, Manassés Moraes. A escrita dos gêneros jornalísticos notícia e reportagem: características linguísticas e funcionais. In: SILVA, Marinalva Freireda. (Org.). **Na trilha da transdisciplinaridade: aspectos linguísticos, literários e interculturais e metodológicos linguístico-literários**. João Pessoa: Ideia, 2010, p. 124-135.
- DIONÍSIO, Angela Paiva. BEZERRA, Maria Auxiliadora. **O livro didático de Português: múltiplos olhares** / Organizadoras: Angela Paiva Dionísio, Maria Auxiliadora Bezerra. 2 ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2003 160p.; 23cm.